



**INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS
E EMPRESARIAIS**

LICENCIATURA EM TURISMO

**NA ROTA DOS JUDEUS
UMA ANÁLISE HISTÓRICA
E POTENCIALIDADES PARA O
DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM SANTO ANTÃO**

ODAIR JOSÉ LIMA LOPES

Mindelo
Fevereiro 2014



INSTITUTO DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS E EMPRESARIAIS

LICENCIATURA EM TURISMO

**NA ROTA DOS JUDEUS
UMA ANÁLISE HISTÓRICA E POTENCIALIDADES PARA O
DESENVOLVIMENTO DO TURISMO EM SANTO ANTÃO**

ODAIR JOSÉ LIMA LOPES

**Orientadora: Mestre Lia Medina
Co-orientador: Mestre Carlos Santos**

Mindelo
Fevereiro 2014

O futuro pertencerá àqueles que tiverem melhor memória.

Provérbio Judaico

Mais do que construir um mundo para o turismo é necessário construir um mundo em que o turismo também tenha o seu lugar, mantendo vivo o que de mais genuíno possuímos (...)

Lopes, S. A. (1999).

Dedicatória

“Deus te acompanh e defende de mal, nhe fide”.

Mamã Popola – Maria Paula Lopes.

T dedicá ess traboi a nhes avó Kekéte e Popola, ke sempre apoiame em tude e sempre te gredecê Popola ke dsejame tud dia ess companhia de Deus. E principalmente pe nhe fide José Carlos quê tud mutive de sempre um avança pa frente.

Agradecimentos

Considerando que agradecer pode não ser tarefa fácil, nem justa, para não correr o risco da injustiça, agradeço de antemão a todos os que de alguma forma, passaram pela minha vida e contribuíram para a construção de quem sou hoje. Agradeço, particularmente, a algumas pessoas pela sua contribuição directa na elaboração deste trabalho.

E é com maior estima que endereço um muito obrigado às minhas tias Silvestra e Fernanda, e o meu tio Alcidio, que nunca saberei como retribuir o esforço e a ajuda que me têm prestado todos esses anos.

Aos meus professores que, com todo o carinho me suportaram estes anos, mesmo que discordando às vezes em alguns pontos.

Aos professores e amigos Lia Medina, Américo Lopes, Carlos Santos, mas sem fazer diferença aos outros professores.

À minha orientadora mestre Lia e o co-orientador mestre Carlos, pela paciência na orientação e pelo incentivo nas dicas que tornaram possível a conclusão desta monografia.

A CMRG por toda a ajuda e o auxílio financeiro nos três últimos anos, que sem as quais seria difícil a concretização desta etapa.

Ao Sr. Xavier e ao Érico por me terem acolhido e ensinado com toda a perseverança do mundo aquando do estágio no Hotel Pestana Trópico.

Aos entrevistados com especial gratidão ao Sr. António Leite e aos colaboradores que incansavelmente, me ouviram e forneceram dados indispensáveis.

Aos meus queridos avós e à minha tia Graciana, que com todo o carinho e apoio, não mediram esforços em me apoiar para que esta etapa fosse cumprida.

Ao meu pai António, à Sílvia e aos meus irmãos, pelo incentivo e apoio que sempre me deram.

Ao meu grupo de trabalho de escola e de estudo, Foice, Ká, Val, Skape, com vocês o difícil transformava-se em divertimento.

Ainda aos meus colegas de casa e de sala por todos os momentos juntos desfrutados só queria dizer-vos:

Um muito abrigado a todos.

Resumo

Tendo como ponto de partida a antiga presença judaica na cidade de Ponta do Sol, e o relevante património histórica deixado, neste trabalho fizemos um levantamento histórico patrimonial como forma de mostrar o potencial turístico a nível de turismo cultural/religioso da cidade de Ponta do Sol, assim como da ilha de Santo Antão por onde os judeus deixaram marcas da presença ou passagem.

Para a concretização deste estudo recorreu-se à revisão da literatura referente ao turismo cultural e religioso, nomeadamente ao turismo judaico, assim como patrimónios tangíveis e intangíveis. Fez-se entrevistas e utilizou-se o método de observação directa, de forma a colher subsídios que nos permitisse a elaboração do corpo do trabalho e citar algumas propostas e recomendações.

Os dados colhidos permitiram a elaboração de algumas propostas como a revitalização dos edifícios, revitalização das ruas e dos cemitérios e a sinagoga, definindo no final propostas gerais.

Por fim, propôs-se a criação de duas rotas (Culto e Morte, *Ne kel temp de Judeu* – No tempo dos Judeus) na cidade/ilha de forma que o visitante possa conhecer e desfrutar tanto a visita na cidade como toda a sua história.

Palavras-chave:

Presença Judaica, Património, Turismo Cultural/Religioso, cidade de Ponta do Sol

Abstract

As a starting point the ancient Jewish presence in the city of Ponta do Sol, and the relevant historical heritage left, in this work we made an equity historical survey as a way to showcase the tourism potential level of cultural tourism / religious for the city of Ponta do Sol, as well as the island of Santo Antao where the Jews left marks of their presence or passage.

To implement this study we resorted to the literature related to cultural and religious tourism, namely the Jewish holidays, as well as tangible and intangible assets. We do Interviews and we used the method of direct observation, in order to reap subsidies that allow us to prepare the body of work and mention some proposals and recommendations.

The collected data allowed the development of some proposals such as the revitalization of buildings, revitalization of streets, cemeteries and synagogue, defining in the end general proposals for the above.

Finally, we proposed the creation of two routes (Cult and Death, Ne kel temp Judeu- In the Jews time) in the city / island so that the visitor can know and enjoy the visit as much as in the city throughout its history.

Key-words:

Jewish Presence, Heritage, Cultural / Religious Tourism, City of Ponta do Sol

Índice

| | |
|---|-----|
| Agradecimentos | V |
| Resumo | VI |
| Abstract..... | VII |
| Introdução..... | 1 |
| Capítulo 1. Metodologia | 5 |
| Capítulo 2. Enquadramento Conceptual | 12 |
| 2.1.1 Conceito de Turismo | 12 |
| 2.1.2 Turismo cultural / Turismo Religioso | 13 |
| 2.1.3 Conceito de Património, Património Cultural, Património Tangível e Intangível. | 17 |
| 2.1.4 Conceitos de Preservação/Conservação, Restauo/Revitalização. | 20 |
| 2.1.5 Globalização | 22 |
| 2.1.6 Desenvolvimento Sustentável e Comunidade..... | 25 |
| 2.1.7 Roteiro/Rota /Itinerário /Circuito | 26 |
| Capítulo 3. Organizações Nacionais e Internacionais-Leis de Preservação..... | 30 |
| Capítulo 4. Levantamento Histórico da Presença Judaica..... | 36 |
| 4.1 O primeiro contacto com as Ilhas/Cabo Verde | 36 |
| 4.1.1 A Presença dos Judeus em Ponta do Sol/Santo Antão | 41 |
| 4.1.2 O primeiro motivo da chegada dos judeus e a relação com os habitantes. | 43 |
| 4.1.3 A importância judaica para o desenvolvimento da cidade de Ponta do Sol..... | 46 |
| 4.2 O perfil do Turista Judeu | 48 |
| 4.3 Levantamento do Património Judaico da ilha de Santo Antão | 50 |
| 4.3.1 – Antiga Residência Abrão Brigham | 50 |
| 4.3.2 – Antiga Residência de David Cohen..... | 51 |
| 4.3.3 – Antiga Residência de Dona Nené Brigham e Daniel Gomes | 53 |
| 4.3.4 – Antiga Residência da Família Brigham e Vitória | 54 |
| 4.3.5 – Antiga Residência da Família Wahnnon | 55 |
| 4.3.6 – Antiga Casado Sr. Lela Lopes e Dona Elisa Cohen..... | 57 |
| 4.3.7 – Cemitério de Judeus – Cidade da Ponta do Sol..... | 58 |
| 4.3.8 – Cemitério de Judeus – Penha de França | 59 |
| 4.3.9 – Antiga Sinagoga/Ruínas da Gafaria dos Leprosos | 60 |
| 4.4 Crenças e rituais fúnebres..... | 61 |

| | |
|--|----|
| Capítulo 5. Propostas de Revitalização | 65 |
| 5 Sugestões, Recomendações | 68 |
| 5.1 Proposta de Itinerário/Roteiro | 70 |
| Conclusões | 73 |
| Referencias Bibliográficas | 78 |
| Notas | 86 |
| As famílias (origens e continuação)..... | 86 |
| Apêndice..... | 95 |
| Anexos..... | 97 |

Índice de Tabelas

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Propostas de Revitalização dos Edifícios - Conjunto I | 66 |
| Tabela 2 - Propostas de Revitalização das Ruas – Conjunto II | 67 |
| Tabela 3 - Propostas de Revitalização dos Cemitérios - Conjunto III | 68 |
| Tabela 4 - Sugestões/Recomendações para as Propostas - Conjunto IV | 68 |

Índice de Figuras

| | |
|--|----|
| Figura 1 - Antiga Residência Abrão Brigham | 50 |
| Figura 2 - Antiga Residência de David Cohen. | 51 |
| Figura 3 - Antiga Residência da Dona Nené Brigham e Daniel Gomes | 53 |
| Figura 4 - Antiga Residência da Família Brigham e Vitória | 54 |
| Figura 5 - Antiga Residência da Família Wahnnon..... | 55 |
| Figura 6 - Antiga casa do Sr. Lela Lopes e Dona Elisa Cohen..... | 57 |
| Figura 7 - Cemitério de Judeus – Cidade da Ponta do Sol..... | 58 |
| Figura 8 - Cemitério de Judeus – R ^a Grande - Penha de França | 59 |
| Figura 9 - Provavelmente uma antiga Sinagoga/Ruínas da Gafaria dos Leprosos. | 60 |
| | |
| Figura 10: Alguns Edifícios onde antes foram Construções pertencentes aos Judeus | 96 |
| Figura 11: Famílias judaicas de Ponta do Sol /Pessoas da Elite Ponta-solense, 1927..... | 97 |
| Figura 12: Ruínas do Forno de Cal – Banco de Areia - Ponta do Sol - Santo Antão. | 97 |
| Figura 13: Alguns Utensílios utilizados na Religião Judaica – Crenças e Rituais. | 97 |
| Figura 14: Uma Proposta para o estilo de Construção – Hotel Cohen. | 98 |
| Figura 15: Ruínas Romanas Dentro da CM de Évora em Portugal/Preservação das Ruínas..... | 98 |
| Figura 16: Uma Proposta para estátuas em tamanho Real no Pedonal..... | 98 |
| Figura 17: Projecto Sinagoga Resort/Proposta para as Ruínas do grupo Spencer Construções. | 98 |
| Figura 18: Ilustração do Caminho Vicinal para o Cemitério Judaico em Penha de França..... | 98 |
| Figura 19: Ilustração do Caminho Vicinal para o Cemitério Judaico em Ponta do Sol..... | 98 |
| Figura 20: Cópia do Registo de Óbito de Moisés Cohen..... | 98 |
| Figura 21: Proposta de Revitalização dos Cemitérios | 98 |
| Figura 22: Algumas Fotos Antigas da Cidade de Ponta do Sol | 98 |

Lista de Siglas

BO - Boletim oficial

CMRG - Câmara Municipal da Ribeira Grande

CST - Conta Satélite do Turismo

ECB - *European Central Bank* (Banco Central Europeu)

EMPA - Empresa Pública de Abastecimentos

EU - *European Union* (União Europeia)

IGESPAR - Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico

INE - Instituto Nacional de Estatística

ISCEE - Instituto Superior de Ciências Económicas e Empresariais

ONU – Organização das Nações Unidas

PEDTCV - Plano Estratégico para o Desenvolvimento do Turismo em Cabo Verde

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação Ciências e Cultura

WB - *World Bank* (Banco Mundial)

WHO - *World Health Organization* (Organização Mundial de Saúde)

WTO/OMT – *World Tourism Organization* (Organização Mundial do Turismo)

WTO - *World Trade Organization* (Organização Mundial do Trabalho)

ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

INAC – Instituto Nacional da Cultura

IIPC – Instituto da Investigação e Património Culturais

MC – Ministério da Cultura

MED – Ministério da Cultura e Desporto

Introdução

Desde há muito, os marcos históricos portugueses em terras de Cabo Verde, sempre foram e vêm sendo material de estudo. Assim, também houve outras civilizações que, de uma forma ou de outra, deixaram grandes influências na sua “rápida” passagem ou presença em nossas terras e que, de alguma forma, deviam ser conhecidos e promovidos. Neste caso, a civilização judaica, ou melhor os vestígios da sua passagem, no nosso entender, deveriam ser alvo de estudos e pesquisas de forma a tentar perceber para que serviam, quem os construiu, quem são os donos e como poderão ser conservados.

O mundo tem estado em permanente mudança e com fortes tendências para a globalização de tudo e de todos. Por isso, urge o sentido de preservar e defender a nossa história, cultura e tradições de “agressões” da actualidade. E como preservação implica conhecimento, valorização e promoção, há que se fazer um trabalho de fundo, a nível geral, como forma de integrar o antigo no moderno sem quebrar as origens e nem criar mutações. E uma das áreas com grande necessidade desta integração seria a religião.

Lamentavelmente, o nosso país, tanto por falta de conhecimento por parte da população, como também por falta/escassez de políticas promocionais ou preventivas, não valoriza de forma adequada toda a nossa riqueza cultural. Nalguns casos, sente-se o “total abandono” por parte das autoridades que deveriam ser as primeiras a legislar, proteger, fiscalizar, preservar e/ou promover a cultura.

É notável que um país tão pequeno em área seja dotado de tamanha diversidade natural e cultural. E um dos fragmentos dessa diversidade que podia vir a ser potenciado é precisamente o Turismo Judaico.

Contudo, há que se ter em consideração a questão do turismo integrado em cooperação com o turismo sustentado de forma a se ter um desenvolvimento sustentável a nível teórico, científico, cultural, social, económico, espacial e ambiental/ecológico (Moniz, 2006).

Tendo como ponto de partida, a presença judaica na Ilha de Santo Antão, a ideia de estudar este tema veio duma preocupação de buscar novas alternativas de preservação e revitalização destes patrimónios, ou até mesmo da história. Também servir de um dos elementos diferenciadores que constituem os recursos turísticos que distinguem a ilha e conseqüentemente o seu aproveitamento para fins turísticos.

Escolheu-se este tema, por duas razões importantes: primeiro, por um interesse particular pelo Judaísmo, reforçado depois com uma proposta feita num trabalho académico¹ apresentado no ISCEE, e pelo enorme e valoroso património judaico deixado em Santo Antão e conseqüentemente, o seu aproveitamento para fins turísticos. Sendo que a cidade da Ponta do Sol possui características particulares e singulares, assume-se assim como um caso de estudo no âmbito desta temática.

Em segundo lugar, com o intuito de se poder propor ou alertar as autoridades locais e/ou nacionais sobre a questão da preservação e aproveitamento dos patrimónios como forma de criação de um produto diferenciado e o desenvolvimento turístico da cidade e da ilha em geral.

Para além de recorrer à história, ou seja, todo o levantamento histórico que se impõe, há que também levar em conta todos os traços arquitectónicos característicos dos patrimónios deixados, tudo isto, feito através duma análise histórica e arquitectónica dos mesmos.

Após identificação da pertinência do tema, estabeleceu-se como objectivo geral deste estudo, realizar um levantamento histórico e patrimonial da presença Judaica em Santo Antão, bem como a sua oferta turística. Como específico, conhecer a história da presença dos Judeus em Cabo Verde e/ou propor linhas orientadoras para o desenvolvimento de um roteiro sobre a presença dos Judeus na ilha de Santo Antão, com maior incidência na cidade da Ponta do Sol.

¹ TFC – António Lopes – Revitalização dos Patrimónios Arquitectónicos da Cidade de Ponta do Sol – Uma Proposta (2012).

Objectivos esses que, para alcança-los, teve-se que adoptar métodos e técnicas que ajudassem a dar respostas do quando, quem, e como. Foram feitos vários contactos com entidades e pessoas singulares que prestaram o seu testemunho, tudo isto entre o mês de Julho e Novembro de 2013 mas sempre levando como pilar de investigação o método histórico².

Com os objectivos gerais e específicos do trabalho já elucidados, o objectivo de estudo será o de responder à seguinte questão:

Até que ponto os vestígios da presença judaica em Santo Antão poderão ser condicionantes no processo de desenvolvimento turístico da ilha?

Assim sendo, na sequência do término da Licenciatura em Turismo, pretendeu-se expor um tema inserido no ramo do Turismo Cultural, tema este que tem por título principal **“Na Rota dos Judeus – Uma análise histórica e potencialidades para o desenvolvimento do turismo em Santo Antão”**, - onde pretendeu-se demonstrar até que ponto os Judeus foram condicionados e/ou condicionantes no desenvolvimento da ilha, e de algumas localidades, tais como a cidade de Ponta do Sol, Sinagoga e a cidade da Ribeira Grande. E também identificar os marcos histórico-patrimoniais do povo judaico em Cabo Verde, nomeadamente na ilha de Santo Antão.

Por ser um tema actual e pelo facto dos judeus serem um povo de grandes recursos, estes têm realizado grandes deslocações por vários continentes em busca das suas identidades e/ou traços das suas linhagens familiares. Este tipo de turismo e turistas poderão vir a ser um grande potencial turístico na diferenciação do turismo em Cabo Verde, mais concretamente para as localidades ou ilhas que, em tempos ou ainda hoje, tenham vestígios da presença dos Judeus.

Assim, um dos grandes desafios desse estudo será o de “recuperar” a história judaica da cidade da Ponta do Sol, e para tal, numa primeira fase, realizou-se uma revisão bibliográfica, que permitiu a contextualização de conceitos relacionados com o turismo cultural, religioso, o património e os recursos turísticos.

² Ver Vilelas 2009, p. 47.

Seguidamente, fez-se a caracterização da ilha e da cidade e a sua relação com a história da presença judaica; o levantamento do património judaico e a situação actual dos mesmos e da ilha/cidade como destino de turismo judaico.

Assim, recorreu-se a pesquisas de natureza exploratória e descritiva, com análise de documentos e pesquisa de terreno. Utilizou-se também a observação directa dos patrimónios edificados da cidade, com a finalidade de um levantamento de vários dados do tipo fotografias, documentos, descrição arquitectónica entre outros, dos diferentes patrimónios.

E numa recta final, fez-se uma inventariação detalhada dos patrimónios arquitectónicos existentes, com a devida caracterização dos mesmos, assim como, revisão, análise e descrição histórica da presença judaica no País, mais concretamente em Ponta do Sol, ou seja, tudo o património tangível e intangível referente à passagem e todo o legado judaico na ilha/cidade.

Com a dita inventariação, obteve-se a capacidade de se chegar a uma discussão dos resultados, avaliando assim as probabilidades de criar propostas viáveis para uma diversificação do turismo na ilha, que seja benéfico tanto aos residentes como também potenciando como uma mais-valia à localidade em geral.

E, finalmente, apresentam-se as conclusões e as recomendações necessárias para o desenvolvimento do destino, mas sem deixar de lado as limitações e tentar sugerir pistas para futuros estudos.

Capítulo 1. Metodologia

A escolha do tema centrou-se na tentativa de recuperação de todo o historial da presença judaica na ilha assim, como do seu património edificado, concretamente na cidade de Ponta do Sol, e do seu contributo para o desenvolvimento da ilha/cidade.

Assim dando seguimento a uma proposta apresentada num trabalho, proposta essa sobre um roteiro judaico, sentiu-se a necessidade de se fazer uma investigação mais aprofundada sobre a história da cidade e da ilha em geral que, no nosso entender, é um tema pertinente para a diferenciação e desenvolvimento do turismo e da cidade/ilha.

O trabalho de investigação desenvolvido neste estudo deu particular ênfase a um sector específico ligado à oferta turística - o turismo cultural e religioso. No entanto, as suas recomendações e implicações inserem-se em ambientes mais amplos do turismo considerando, por exemplo, o seu contexto cultural, social e político (Kasper, 1989 e Leiper, 1979).

Fez-se uma pesquisa do tipo exploratório, que para Selltiz *et al.*, (1967) in Vilelas (2009, p.119), “tem como principal finalidade a formação de conceitos e ideias, capazes de tornar os problemas mais precisos e de formular hipóteses para estudos posteriores. Este tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado (...)”. Para isso utilizaram-se com investigações bibliográficas e entrevistas, de forma a trabalhar os objectivos a serem alcançados.

Também realizou-se uma pesquisa do tipo descritiva que, segundo o mesmo autor, “procura conhecer as características de determinada população/fenómeno, ou o estabelecer de relações entre variáveis. Servem para aumentar os conhecimentos das características e dimensão de um problema, obtendo desta maneira uma visão mais completa”, usando técnicas de observação directa para descrição dos patrimónios edificados, seguindo uma grelha de itens já pré-definidos.

Quanto ao tipo de pesquisa utilizado é um trabalho original, isto porque este tema nunca foi trabalhado a nível académico em Cabo Verde (pelo menos que se tenha conhecimento), apesar de que, analisaram-se outros trabalhos científicos desenvolvidos noutras paragens, de forma a colher preceitos necessários para o enriquecimento e maior rigor científico do trabalho em si.

Deste modo, o objectivo nesta fase do trabalho foi, descrever a metodologia utilizada para desenvolver a investigação, apresentando os métodos e as técnicas. Segundo Lakatos e Marconi (2007, p.83 e 174), enquanto “as técnicas de pesquisa são consideradas como um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência ou arte, os métodos são um conjunto de actividades racionais que permitem ao pesquisador alcançar os objectivos da sua investigação”, como também recursos utilizados para chegar a informações necessárias e precisas com intuito de analisar e concretizar o trabalho com uma certa precisão científica.

A base metodológica utilizada na primeira fase do trabalho assentou na combinação de diversos recursos habitualmente utilizados em estudos deste tipo (Clark, *et al.*, 1998). Para além da recolha de informação bibliográfica e documental, a pesquisa de terreno foi um dos métodos utilizados para caracterizar o perfil do turista judeu e os recursos disponíveis na cidade da Ponta do Sol, assim como da ilha em geral.

Assim sendo, relativamente aos procedimentos metodológicos primeiramente, adquiriram-se informações detalhadas sobre os vestígios e imóveis da presença judaica na cidade através da pesquisa bibliográfica e revisão da literatura, e pesquisa de terreno que segundo Azevedo (2004, p.17) “destina-se a reunir informações sobre a investigação empírica realizada em áreas próximas daquela que está a ser investigada”.

A abordagem desenvolvida no capítulo a seguir permite-nos perceber os conceitos envolvidos neste estudo, de forma a permitir uma melhor compreensão da oferta turística da cidade e de modo a envolver a população em todo o processo de desenvolvimento da cidade. “Uma procura de tais fontes, documentais ou bibliográficas, torna-se imprescindível para a não-duplicação de

esforços, a não “descoberta” de ideias já expressas, a não-inclusão de “lugares-comuns” no trabalho” (Lakatos e Marconi, 2001, p.110).

Assim, depois de toda a análise bibliográfica, procedeu-se à caracterização da cidade, ao levantamento da sua relação histórica com o judaísmo, levantamento do património judaico e a sua situação actual, enquanto destino de turismo judaico.

Também utilizou-se a técnica de observação que, como nos diz Vilelas (2009, p.268), “define-se como o uso sistemático dos nossos sentidos na procura dos dados necessários para resolver um problema de investigação”. A observação directa é uma técnica que, segundo Lakatos e Marconi (2001, p.107), “utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar factos ou fenómenos que se deseja estudar”, que seguidamente serão detalhados, organizados e analisados. Aliás, como também nos mostra Sarmiento (2008, p.4), quando afirma que a observação “consiste na observação de todos os factos, no seu registo, na sua análise e posteriores conclusões”.

Ainda Fortin (1999) in Vilelas (2009, p.268), reforça que “a observação é um processo que consiste em seleccionar, provocar, registar e codificar um conjunto de comportamentos e de ambientes que estão ligados ao objecto que se pretende estudar”.

A observação foi do tipo assistemática que, de acordo com Rudio (1979) in Lakatos e Marconi (2003, p.192), é também conhecida como técnica de observação não estruturada, espontânea, informal e que:

“consiste em recolher e registar os factos da realidade sem que o pesquisador utilize meios técnicos especiais ou precise fazer perguntas directas (...) é o facto de o conhecimento ser obtido através de uma experiência casual, sem que se tenha determinado de antemão quais os aspectos relevantes a serem observados e que meios utilizar para observá-los”.

Aqui, para além da observação *in loco*, utilizou-se a captação de imagens, como forma de registo de representações indispensáveis na compreensão e demonstração de alguns momentos.

Todo este trabalho de pesquisa é assentado principalmente sobre o método histórico que, para Vilelas (2009, p.47), consiste em “investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar a sua influência na sociedade contemporânea e para melhor compreender o papel que actualmente desempenham na sociedade”.

Como salienta Ferreira (1998) in Vilelas (2009, p. 48), o método histórico, criado por Boas tem como princípio “ compreender a natureza e a função das instituições, dos costumes, das diversas formas actuais de vida social, torna-se importante pesquisar as raízes históricas, isto é, as suas origens no passado”, realçado também por Lakatos e Marconi (2003, p.106 e 107).

Podemos dizer que, este método permite-nos investigar todos os processos e acontecimentos do passado de forma a verificar a sua influência no presente, ou seja, desde a sua formação acompanhando as modificações da sociedade, procurando identificar e explicar as origens contemporâneas.

Para além da história da ilha/cidade, e da presença dos judeus nas mesmas, debruçou-se também sobre os supostos patrimónios judaicos edificados na cidade, levando sempre em conta o método histórico, ou seja, intercalando acontecimentos do passado, com a evolução da cidade, como também os patrimónios imóveis, verificando as suas influências na comunidade de hoje.

Seguidamente, para melhor credibilidade, e teor científico, procedeu-se à aplicação das entrevistas, feitas entre os meses de Julho a Setembro, aplicadas a entidades da cidade, assim como algumas pessoas singulares que, de uma forma ou de outra possuem vastos conhecimentos dos patrimónios e da história da ilha e da cidade.

De todas as entrevistas realizadas a mais importante e de maior rigor científico, foi a feita ao senhor António Leite, no dia 26 de Setembro de 2013. Entrevista essa

que seguiu um guião³ de perguntas pré-estruturadas, para averiguar pontos principais como o quando da primeira chegada dos judeus, a contribuição dada ao desenvolvimento e a partida dos judeus da cidade/ilha.

Explicando o conceito de entrevistas, Denker (2000, p.137), nos diz que consiste numa “comunicação verbal entre duas ou mais pessoas, com um grau de estruturação previamente definido, cuja finalidade é a obtenção de informações de pesquisa”.

Assim, para o presente estudo, utilizou-se o método de entrevista semi-estruturada ou informal que, segundo Vilelas (2009, p.281), “ É uma modalidade menos estruturada da entrevista, já que a mesma se reduz a uma simples conversa acerca do tema em estudo”.

Ainda salienta Vilelas (2009, p.281) que, “ o importante não é definir os limites nem cingir-se a algum esquema prévio, mas apenas incentivar o entrevistado a falar, de modo a obter um panorama dos problemas mais salientes, (...) ”.

Para elaborar as ditas entrevistas, tivemos de montar estratégias para as pesquisas de terreno, tudo como forma de observar e registar todos os dados precisos para a nossa investigação.

Foi neste propósito que tivemos de decidir quando, onde, o quê e a quem observar, registar e entrevistar. Para tal e por ser um tema de carácter original ou muito pouco explorado, houve a necessidade de seleccionar a amostra tendo em consideração que a população em estudo é uma população desconhecida.

Segundo as investigadoras Lakatos e Marconi (2003, p.223) a população consiste no “ conjunto de seres animados ou inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum”. Reforçado por Fortin (1999) in Vilelas (2009, p.245) é “ o conjunto de todos os indivíduos nos quais se desejam investigar algumas propriedades. Este conjunto tem uma ou mais características em comuns, e encontram-se num espaço conhecido”.

³ Ver apêndice na p. 95.

Assim, para maior rigor e garantia efectiva e eficiente da informação colhida e para que seja pertinente e de óptima qualidade, há necessidade de escolher bem a amostra de maneira que todas as conclusões sejam, na medida do possível, representativas e de carácter confiável e com rigor científico.

Deste modo, para a investigação utilizaram-se dois tipos de amostragem, em que primeiramente utilizou-se o tipo intencional e casuísta que, para Vilelas (2009, p.248), a escolha não é totalmente arbitrária, o investigador considera características comuns e relevantes, reforçado por Burgess (1997, p.59) estas “amostragens não probabilísticas envolvem a escolha de acções, acontecimentos e pessoas” e ainda explica que:

«Na amostragem intencional os informantes podem ser seleccionados para o estudo de acordo com um certo número de critérios estabelecidos pelo investigador, tais como o seu estatuto (idade, sexo e ocupação) ou experiencia previa que lhes confere um nível especial de conhecimentos. O investigador, por conseguinte, exige dos indivíduos que têm diferentes qualificações como informantes, um pormenorizado conhecimento do universo. Entretanto, a amostragem casuísta é usada para referir o processo pelo qual os investigadores de terreno encontram informantes que lhes proporcionem dados de campo.»

O facto de utilizar a amostragem intencional e casuísta, esta conduziu-nos a uma nova amostra que seria a amostragem em bola de neve (*snow-ball*) que também neste tipo de amostragem o investigador já possui algum conhecimento da situação assim como diz Burgess (1997, p.59) que “ envolve o uso de um pequeno grupo de informantes a quem é pedido que ponham o investigador em contacto com os seus amigos, os quais são subseqüentemente entrevistados, pedindo-se-lhes igualmente que indiquem outros amigos a entrevistar, e assim por diante, (...)”.

Feitas as entrevistas e com todos os dados recolhidos, passou-se para a última fase, que consistiu na organização, análise e tratamento dos mesmos, através de técnicas e selecção das principais informações para redacção parcial e sua correcção mediante as sugestões dos orientadores.

A análise das entrevistas foi feita através da audição do áudio gravado, cruzando-o com os apontamentos do caderno de campo, retirando-se desta forma a informação mais importante para esta investigação.

Resumindo, fizemos pesquisas do tipo exploratória e descritiva, recorreu-se a entrevistas e observação directa, analisou-se outros trabalhos científicos desenvolvidos noutras paragens de forma a ajudar a trilhar os caminhos a percorrer visto ser um tema original, assim podendo conferi-lhe um teor e rigor científico.

Fez-se um levantamento histórico da presença judaica na cidade/ilha e todo o legado patrimonial. Para além do levantamento tentou-se em traços largos caracterizar o perfil do turista judeu de forma a ajustar o producto ao consumidor.

Tendo sempre em questão o método histórico, de forma a intercalar o passado com o presente, verificando a sua influência na comunidade de hoje, e a evolução da cidade, como forma de aproveitamento para a diversificação do produto turístico da cidade/ilha.

Capítulo 2. Enquadramento Conceptual

Para melhor compreensão do presente estudo, torna-se importante referir algumas definições de conceitos usados, que procuram dar noções, ideias e pareceres de vários temas neste estudo referido. Neste caso, alguns como património cultural, turismo religioso, turismo cultural, património turístico, entre outros.

Os conceitos são imprescindíveis, interligam-se e complementam-se assim, na maior parte das vezes, não é possível definir um conceito sem nos referir-mos a outros.

2.1.1 Conceito de Turismo

O conceito de turismo embora desde há muito estudado, por vários analistas da área, não comporta uma definição única. E, neste sentido, a Organização Mundial do Turismo (OMT) apresenta uma definição mais pormenorizada que define o turismo como “as actividades que as pessoas realizam durante suas viagens e permanência em lugares distintos dos que vivem, por um período de tempo inferior a um ano consecutivo, com fins de lazer, negócios e outros”.

Com uma noção agora mais clara e mais aprofundada, este conceito vem tendo alterações e transformações ao longo dos tempos como nos relata Cunha (1997, p.8) que:

“A primeira definição de turismo foi estabelecida pelos professores Hunziker e Krapf, em 1942, (...) Segundo aqueles professores, o turismo «é o conjunto das relações e fenómenos originados pela deslocação e permanência de pessoas fora do seu local habitual de residência, desde que tais deslocações e permanências não sejam utilizadas para o exercício de uma actividade lucrativa principal, permanente ou temporária».”

Por isso, Henriques (2003) mostra que estes dois conceitos não propunham uma noção clara, embora pareça haver um avanço do conceito da OMT face ao inicial de Hunziker e Krapf, estabelecendo uma distinção entre turismo e outros tipos de actividades semelhantes em função da duração da permanência e o alcance da

deslocação. Contudo não deixa de salientar que, não se deve olhar o conceito tão rigoroso de forma a não excluir fenómenos indiscutivelmente turísticos.

Para facilitar um melhor entendimento do conceito, Mathieson e Wall (1982), afirmam que o turismo consiste no “movimento temporário para destinos fora do lugar normal de residência e trabalho bem como nas actividades desenvolvidas durante a estada e as *facilities* criadas para satisfazer as necessidades dos turistas” in Henriques (2003, p.22).

Segundo estas definições apresentadas vemos que o turismo comporta diferentes características desde as motivações, modos de exercê-lo, onde praticá-lo e ainda o seu conteúdo social. Ou seja, há uma diversidade de formas de turismo, daí que se fale em segmentação (Henriques, 2003, p.22).

2.1.2 Turismo cultural / Turismo Religioso

As relações entre o turismo e a cultura são profundas e têm um duplo sentido: turismo como acto cultural e forma de cultura e turismo cultural como meio de permitir ao homem o acesso a formas de expressão cultural (Cunha, 1997, p.170).

A religião e a cultura estiveram desde sempre ligadas. Numa alusão a essa relação, Durkheim (1989) vê na religião e nos valores em geral, a base dos factos sociais e os fundamentos da estrutura social. Os limites entre o sagrado e o profano, embora possam ser definidos, estão muito próximos. Como argumenta Durkheim (1989, p.456): “ talvez não haja júbilo onde não existe algum eco da vida séria, no fundo, a diferença está mais na proporção desigual em que esses dois elementos se combinam”.

Perante o exposto temos de assumir, também, a relação entre o turismo cultural e o turismo religioso, e é nessa perspectiva que vamos desenvolver este estudo no sentido de unir dois conceitos num produto.

Alguns autores como Rinschede (1992) entendem que o turismo religioso, embora classificado em separado, faz parte do grupo cultural, posição que é partilhada por outros autores. Orry (1993) diz que o turismo cultural está ligado a algo que

sempre tem existido, a curiosidade, é dizer, o encontro a um sujeito interessado pela “formação”, pela estética, pelo património cultural e a criação cultural. Wolf (1988), também, encontrou paralelismo entre as catedrais medievais e os modernos centros do turismo cultural (Museus, Centros de Arte, etc.). Os dois elementos representam um desafio para os arquitectos, mas também uma *peregrination*, e neste sentido o turismo cultural é entendido como um rito que celebra a cultura como um substituto moderno da religião.

A relação entre o turismo religioso e o cultural é indiscutível. O património cultural, que, muitas vezes, também é religioso, torna estes segmentos do turismo muito próximos e dependentes um do outro.

Na nossa perspectiva, o turismo cultural e religioso constituem um único produto no sentido em que, uma viagem por motivos unicamente religiosos não se consegue desprender dos interesses culturais inerentes. Do ponto de vista conceptual, a abordagem que fazemos ao turismo cultural e religioso, sustenta-se neste paradigma⁴.

Relata-nos Cunha (1997, p.23) que, a motivação deste tipo de turismo deriva de vários motivos e do desejo de conhecer e ver coisas novas. As particularidades de outras populações, os hábitos, as diferentes culturas, o religioso, tudo isso motivam a viagem, o desejo de aumentar os conhecimentos, e de interagir com novas realidades.

Tudo o que nos faz regressar ao passado ou faz-nos andar para trás na história, constitui a preferência destes turistas. Lugares como os centros culturais, os grandes museus, as grandes civilizações mundiais, os monumentos, os grandes centros de peregrinação, entre outros. Não excluindo as viagens de estudo, bem como a vontade de aprender línguas.

Mas também estes dois conceitos são analisados de forma separada, na óptica de outros autores podendo descrevê-los em patamares bem distintos mas nunca separados.

Cunha (1997, p.171) conclui que o Turismo Cultural é “o meio que permite às pessoas conviver com os modos de vida de outros povos e de poder desfrutar de todo o património de conhecimentos desses povos seja qual for o modo por que se expressam”.

Este tipo de turismo abrange não só as motivações culturais como também o carácter educativo, tornando-se numa oferta diversificada dependendo dos valores culturais existentes (Cunha, 1997, p.171).

Já Ashworth (1995) in Henriques (2003, p.47) defende que a relação entre turismo e cultura pode materializar-se em três grandes formas dependendo na sua óptica da intensidade. Em que, para o autor, a primeira forma de relação seria a estabelecida entre o turismo e a arte. Diz-nos o autor que, a cultura incorpora o seu significado original e popular na capacidade e sensibilidade de compreender e apreciar as grandes obras artísticas e civilizacionais assim, podendo ser utilizada como atracção ou actividade turística, como exemplo, os museus, as galerias de arte, os espectáculos de música, teatro, dança, entre outros.

Seguidamente estabelece a relação entre turismo e o património monumental, onde diz ter uma dimensão muito maior incorporando o artístico e o património histórico construído. É um *mix* de edifícios preservados, como por exemplo, igrejas, casa típicas, castelos, vestígios arqueológicos como também a associação com lugares com acontecimentos históricos e personalidades.

E a terceira, estabelece a relação entre o turismo e um lugar específico, ou seja, um lugar no seu todo (atmosfera, gastronomia, folclore, exotismo, etc.). Há uma tendência nesta relação de se alargar a toda espécie de manifestação e costumes, das expressões culturais de um povo.

Assim, a OMT (1985) in Henriques (2003, p.49) define cultura como “ toda a viagem que pela natureza satisfaz a necessidade de diversidade, de ampliação de conhecimento, que todo o ser humano traz em si”.

⁴ Os autores Durkheim (1989), Rinschede (1992), Orry (1993) e Wolf (1988) foram extraídos da Revista Turismo e Desenvolvimento Vol.2 (2010).

“Mas também pode ser definida como «o reencontro entre duas lógicas. Uma que desenvolve as capacidades de acolhimento e estadia, a outra que valoriza os conteúdos e descoberta, aprendizagem do lugar natural, do património e dos homens»” Pelletier (1991) in Henriques (2003, p.49).

Também Corrêa (1997) citado por Ferreira (2010, p.17) mostra que:

“ [...] cada realidade cultural tem as suas características próprias e, para entendê-la, é preciso examiná-la dentro do contexto em que é produzida. Ela está sempre marcada pela história, hábitos, crenças e costumes dos agrupamentos humanos que a vivem”.

Do encadeamento, entre o património cultural (tangível e intangível) com o turismo, nasce o turismo cultural e sendo as crenças, a religião, parte integrante desse património, motiva uma grande massa a visitar lugares que se destacam pela riqueza patrimonial, monumental e artística e principalmente pela motivação da fé, casos como Nossa Senhora de Fátima, Meca, Rota Românica⁵, entre outros. Quanto ao referido, Pérez (2009, p.118) diz que,

(...) Não pode existir turismo sem cultura, daí que possamos falar em cultura turística, pois o turismo é uma expressão cultural. Em termos filosóficos toda a prática turística é cultural. Além de mais, o turismo pode ser pensado como uma das actividades que mais tem fomentado o contacto intercultural entre pessoas, povos e grupos.

O fenómeno do Turismo Religioso desde sempre foi motivado pela fé e pelas crenças, criando um sentimento de religiosidade e cultura no mundo, na medida em que rompe o quotidiano e insere-se na dimensão da religião, tempo e os espaços reais, ou seja, a reaproximação do tempo e do espaço.

Esta modalidade pode ocorrer de forma individual ou organizada, em programas como romarias, peregrinação e penitência, de acordo com os objectos religiosos, dogmáticos e morais de fiéis visitantes (Arnt, 2006, p.21).

⁵ Consideradas as maiores peregrinações Mundiais.

Segundo Andrade (2000) citado por Tavares (2007), as religiões assumem o papel de importantes agentes culturais, devido aos seus aspectos místicos ou dogmáticos, em todas as suas manifestações de protecção a valores antigos, de intervenção na sociedade actual e de prevenção no que diz respeito ao futuro dos indivíduos e das sociedades. Assim sendo, o turismo religioso é o que mais cresce.

Sendo assim, Andrade (2000), in Arnt (2006), define turismo religioso como o conjunto de actividades com utilização parcial ou total de equipamentos e a realização de visitas a lugares ou regiões que despertam sentimentos místicos ou suscitam a fé, esperança e a caridade nos fiéis de qualquer tipo ou em pessoas vinculadas a religião.

Já Dias (2003) in Tavares (2007, p.40) diz que, se segmentarmos o turismo acredita que o “Turismo Religioso é aquele empreendido por pessoas que se deslocam por motivações religiosas e/ou para participação em eventos de carácter religioso (...)”.

Como tal, Oliveira (2004) in Arnt (2006, p.23) defende que:

“o turismo religioso não é de religiosos, nem de religião. É um turismo motivado pela religiosidade, pela cultura religiosa. Portanto, onde quer que essa cultura se manifeste – seja na área, natural ou urbana, seja no quotidiano ou em momentos festivos – poderá existir um turismo religioso (com ou sem profissionalismo)”.

2.1.3 Conceito de Património, Património Cultural, Património Tangível e Intangível.

Pensar nos vestígios do passado como elementos apropriados pelo turismo parece surgir do reconhecimento e da valorização que se pode dar a um objecto específico. Um ícone local pode vir a ser considerado um dos elementos que compõe o produto turístico de uma cidade. A identificação como ícone premeia o valor a ele atribuído, que pode ser identificado por meio de pessoas; objectos

materiais ou bens intangíveis, como os monumentos históricos, memórias, tradições, festas e folgedos, entre muito outros (Angelo⁶ et Corner⁷, 2007,p.6).

A palavra património sofreu muitas alterações ao longo dos tempos. Segundo o Dicionário Aurélio, a palavra vem do latim e significa herança paterna; riqueza, na acessão figurativa, ou ainda, complexo de bens (...). Entretanto, a UNESCO deu uma noção de património muito mais abrangente, tendo em conta que integra tudo aquilo que tem um valor excepcional, tanto cultural, como natural, pertencente a uma determinada colectividade.

Para Barreto (2000, p.9) “o património pode ser classificado por duas grandes divisões: natureza e cultura”. Considera o património natural como construído das riquezas que estão no solo e subsolo e que o conceito de património cultural vem sendo ampliado à medida que se revisa o conceito de cultura.

O património segundo Macena (2003, p.63) é tudo o que dentro de uma comunidade, respeita a pessoas, origens e história:

«Actualmente, a concessão de património ampliou-se e nele todo o legado cultural de um povo, com suas lendas, festas, folgedos, costumes, crenças, manifestações artísticas, etc., tudo o que existe como elemento essencial para o registo da memória individual e colectiva, e que possa contribuir para a formação do sentimento de pertença de uma comunidade».

Esta antiga palavra estava na sua origem, ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo, requalificada por diversos adjectivos (genético, natural, histórico, etc.).

Mas, com o passar do tempo e com a evolução “ (...) o termo património sofreu uma transformação semântica que originou significados diversos, cujas

⁶ Elis Regina Barbosa Angelo - Bacharel em turismo pela PUCCAMP; Especialista em Administração Hoteleira pelo SENACSP; Mestre em turismo pelo UNIBERO; Mestrando em Historia pela PUCSP e Directora da Faculdade de Turismo.

⁷ Dolores Martin Rodriguez Corner - Especialista em Espanhol pela UNIBERO; Mestre em Turismo pela UNIBERO; Mestre em História pela PUCSP; Doutoranda em História pela PUCSP; Professora das Faculdades de Turismo: FAAC e UNISA.

ambiguidades e contradições articulam e desarticulam dois mundos e duas visões do mundo” (Choay, 2006, p.11 e 22).

O Património, para além de representar a “memória” colectiva de um povo, poderá ser, também, uma fonte de receita económica, com maior destaque por atrair muitos turistas. Sendo assim, deve-se apostar, por um lado, fortemente no turismo cultural e no de natureza, como forma de superar alguns problemas económicos. E por outro, confrontar as realidades passadas e encontrar pistas para a compreensão do presente e a construção de um futuro sustentável, visto que “ a racional defesa de todo um Património Nacional não se alcança apenas com a concretização de objectivos de ordem material” segundo Lopes Filho (1983, p.54).

Ainda Monteiro (2009, p.4) diz que o conceito de património “está associado à ideia de herança, de transmissão de testemunhos, histórias, memórias, e da concessão de bem cultural. Desta forma, o património desempenha um papel importante na formação da memória colectiva, até porque dá uma noção simultânea de continuidade e mudança entre o passado e o presente”.

Gonçalves (1996, p.24) é de opinião que “uma nação torna-se o que ela é na medida em que se apropria do seu património”.

Deste modo, pode-se dizer que, o património cultural é o conjunto de bens materiais e imateriais relevantes para a identidade de um povo. Esses bens são representativos da cultura de um grupo ou de uma sociedade Neves (2003) in Malheiros (2012, p.6).

O património cultural engloba a literatura, a arte, os monumentos, os museus, todo o tipo de arquitectura e ainda um conjunto de patrimónios intangíveis como a música, dança, festas costumes, rituais e gastronomia, todos eles pertencem uma vez que são legitimados socialmente Vallbona & Costa (2003) in Malheiros (2012, p.6).

Logo, é visto pela UNESCO (1992) como Património Cultural Intangível: tradições e expressões orais, considerando a linguagem como um veículo da herança cultural intangível; artes performativas; práticas sociais, rituais e eventos festivos;

conhecimentos e práticas relacionadas com a natureza e o universo e artesanato tradicional.

2.1.4 Conceitos de Preservação/Conservação, Restauro/Revitalização.

O estudo e a preservação de edifícios antigos, torna-se cada vez mais importante para a salvaguarda de matéria colectiva, podendo assim garantir a transmissão de culturas, artes e a história das civilizações. Ao reflectir sobre a preservação dos bens históricos e culturais construídos pelos homens ao longo da história da humanidade e sobre as políticas inerentes é que se inserem algumas categorias de análise e conceitos operacionais que reforçam na compreensão de que os bens patrimoniais pertencem a todos e necessitam serem preservados e conservados.

Certau *et al.* (1995) falam na “beleza do morto”, para definir estes processos de culto da memória e do património cultural, isto é, primeiro se declara a sua morte para logo ser valorizado e estudado in Pérez (2009, p.151).

Segundo Neves (2003, p.53), a preservação não está dissociada do símbolo Patrimonial:

«(...) vale a pena a discussão do significado da preservação desse legado cultural, para conhecimento e usufruto das gerações futuras. Torna-se fundamental enfatizar a importância desse património como suporte da história e da memória dos grupos sociais. Em outros termos, os bens patrimoniais são instrumentos importantes de identidade dos grupos sociais.»

Muitos autores, no que diz respeito ao conceito de preservação, não fazem a distinção entre os termos preservação e conservação. Para outros, a categoria de conservação é muito mais abrangente e envolve vários conceitos, como o resguardar, preservar e ainda pode ser subdividida em conservação memorial e eco-conservação. Assim, segundo Barreto (2000, p.15):

«Preservar significa proteger, resguardar, evitar que alguma coisa seja atingida por outra que lhe possa ocasionar dano. Conservar significa manter, guardar para que haja uma pertinência no tempo. Desde que

guardar é diferente de resguardar, preservar o património implica mantê-lo estático e intocado, ao passo que conservar o património implica integra-lo no dinamismo do processo cultural. Isso pode, às vezes, significar a necessidade de ressemantização do bem considerado património, e é nesse terreno que se dá a discussão.»

Relatado na Carta de Atenas (1931, VII-b), constata-se que, há que se valorizar para preservar, começando pela educação e até a reconstrução se for o caso;

“a melhor garantia de conservação de monumentos e obras de arte vem do respeito e do interesse dos povos, considerando que esses sentimentos podem ser grandemente favorecidos por uma acção apropriada dos poderes públicos, emite o voto de que os educadores habituem a infância e a juventude a se absterem de danificar os monumentos, quaisquer que eles sejam, e lhes façam aumentar o interesse, de uma maneira geral, pela protecção dos testemunhos de toda a civilização”.

Ainda a Carta de Atenas (1931, V-2^o) fundamenta afirmando que:

«(...) A conferência, no que concerne á conservação da escultura monumental, considera que retirar a obra do lugar para o qual ela havia sido criada é, em princípio, lamentável. Recomenda, a título de precaução, conservar, quando existem, os modelos originais, e, na falta deles, a execução de moldes.»

No decorrer dos tempos, já no último quartel do séc. XX, com o pós-guerra, e com o envelhecimento de muitas zonas, cidades e centros, houve a necessidade de reconstrução, dando assim aos edifícios novas funções. Possibilitando valorizações de sítios em termos principalmente imobiliários, culturais e sociais. Assim sendo, tendo algo valorizado sente-se a necessidade de sempre de preservá-lo, conservá-lo, mantê-lo ou por outras palavras, dar-lhe vida ou revitalizar, que significa “dar uma nova vida” Silva e Oliveira (2006) in Lopes (2012, p.18).

Do ponto de vista etimológico, a palavra “*revitalizar*” significa a possibilidade de alguma coisa ganhar uma nova vida, um novo vigor. Portanto, a revitalização –

acto ou efeito de revitalizar – refere-se às “*medidas que visam criar uma nova vitalidade, a dar novo grau de eficiência a alguma coisa*” Del Rio *apud*, Silva e Oliveira (2006) in Lopes (2012, p.18)

A revitalização é um termo que está associado com melhorias, com reutilização de um determinado espaço, rejuvenescer dar vida em termos de diversos pontos de vista (económico, social, cultural, e físico-espacial), restaurando o seu potencial ou inserindo uma determinada função que dá resposta à comunidade. Possibilitando uma reabilitação das áreas decadentes da cidade, e contribuindo para o desenvolvimento urbano.

Para Coelho e Valva:

“o conceito de revitalização urbana é bastante amplo e está ligada a readequação funcional, englobando recuperação e renovação das estruturas existentes, envolvendo diversas acções, como reabilitar e requalificar áreas degradadas, restaurar e reciclar. A ênfase maior vem sendo dada aos espaços públicos, reforçada por uma acção integrada entre o poder público e a iniciativa privada.” (*apud*, Silva e Oliveira, 2006 in Lopes, 2012, p.18).

2.1.5 Globalização

A globalização é um processo complexo e multidimensional. Presente em tudo, ou todas as partes, facto que pode explicar mistérios do presente precavendo ou imaginando o futuro. Algo que poderá conduzir o mundo a uma igualdade de riquezas, liberdade e justiça ou, pelo contrário, a desigualdades e ser causador de um mundo mercantilizado, despojado de regras e de solidariedade.

A globalização tem um poder de dimensão económica, cultural, social, ambiental, política, e tecnológica, e que, de uma forma ou de outra, pode ser vista em diferentes perspectivas. Este conceito foi várias vezes usado no passado, e por décadas pessoas descreviam a globalização como termo de descentralização da produção para diferentes países. Contudo, segundo Sae (2004) in Reisinger (2009) ele define a globalização em varias dimensões sendo que:

«Do ponto de vista de dimensão económica, globalização, é o processo pelo qual a economia mundial vem crescendo de forma integrada e interdependente, (...) com noções de previsão de estado para privatizações, tendendo para comércios e investimentos liberalizados (...).

Do ponto de vista de dimensão tecnológico, globalização é um processo de inovação rápida e de aumentando da inter-conetividade, particularmente para serviços de informação e comunicação e a biotecnologia. Este é um processo em que o conhecimento é o factor mais importante determina o nível de vida, mais que o capital ou o trabalho. Hoje em dia economias tecnologicamente avançadas são verdadeiramente baseadas no conhecimento. World Bank (1998) in Reisinger (2009).

Do ponto de vista de dimensão político, globalização é um novo processo astucioso do poder do governo nacional em direccionar e influenciar as suas economias, para a instituições globais, como também o (WB) World Bank, a (EU) European Union, o (ECB) European Central Bank, a (WTO) World Trade Organization, o (WHO) World Health Organization e a (WTO) World Tourism Organization. Governos nacionais, como forma de sobrevivência das suas organizações, já não podem mais suportar a administração das suas economias nacionais, precisando aumentar a administração de políticas nacionais adaptando essas políticas as pressões das forças do mercado transaccional.

Do ponto de vista de dimensão cultural, globalização é um processo para incrementar a homogeneidade de estilos de vida e aspirações através da média, TV, filmes, turismo, etc., combinando a rápida expansão dos diferentes pontos de vista e as grandes oportunidades para vozes marginalizados serem ouvidos.

Do ponto de vista de dimensão Social, globalização é um processo que visa incorporar pessoas numa só sociedade mundial. O mundo começa a tornar-se numa “Vila Global”

Do ponto de vista de dimensão Ambiental, globalização é um processo que incrementa a interligação entre ecossistemas, invasões biológicas

aceleradas, sistemas naturais simples e homogeneizados e intensificando as pressões globais⁸.»

Hoje em dia, globalização é sobretudo a intensificação para o mundo inteiro a nível de relações económicas, socioculturais, políticas e ambientais. Estas relações conectam lugares distantes de forma ausente, em que eventos locais são determinados por eventos internacionais, ou por outras palavras, o que acontece localmente é determinado por o que acontece globalmente Sae (2004) in Reisinger (2009).

Friedman (1995) in Reisinger (2009) explica que um dos maiores benefícios da globalização, assim como o desenvolvimento na vida científica e tecnologia digital, é que tem uma abertura vasta, para novas possibilidades para produções e trocas mundiais. E falando no turismo, novas oportunidades foram abertas para o desenvolvimento, com a globalização. Tornando o turismo como uma das maiores actividades económicas multinacionais do mundo.

“A globalização influi muito no turismo, pois ela trouxe o avanço tecnológico para os países, que facilita e agiliza as negociações para as agências de turismo. A informação na agência de turismo é preponderante, pois seu negócio não se resume em vender viagens, passagens, hospedagem ou pacotes turísticos, e sim divulgar a informação, que antes deve ter sido colectada e devidamente tratada. Para que um pacote de viagens seja vendido é necessário fazer o cliente construir um sonho, imaginar seu destino e isto é difícil apenas através de catálogos e fotos. É necessária interactividade, agilidade e quem sabe até realidade virtual e isso e muitas outras coisas as tecnologias podem oferecer através da internet, que reduz as distancias e aproxima os países” (Rodrigues, 2012, p.69).

Assim, segundo alguns autores, nasce uma nova palavra ou forma de preservar, a Glocalização que é hoje uma das mais importantes formas de preservação da identidade Local /Regional. Robertson (1995), in Reisinger (2009), nos mostra, que a glocalização é uma mistura entre globalização e localização, ou seja a globalização é adaptada nas condições locais. Isto é, não é somente uma

⁸ Tradução do texto em inglês pelo Autor.

homogeneização cultural, mas sim uma localização global do desenvolvimento como resultado da globalização.

2.1.6 Desenvolvimento Sustentável e Comunidade

Para que haja um desenvolvimento sustentável, este deve ser planeado de forma participativa tornando-se num instrumento fundamentado na experiência para o desenvolvimento de uma região, buscando melhorias da qualidade de vida de seus habitantes e sua conservação ambiental (Vitae Civilis e WWF, 2003).

A questão da conservação dos recursos naturais e culturais e a manutenção de um ambiente saudável para as gerações presentes e futuras, subjacentes ao conceito de desenvolvimento sustentável, têm dominado o debate em torno do modelo de desenvolvimento económico, sociocultural e ambiental a seguir. Toda actividade turística deverá estar totalmente integrada neste processo, o que implicará a adopção de valores para a sua conservação. Para atingir a sustentabilidade dos recursos será necessário compreender que a sustentabilidade da actividade é um pré-requisito para o melhor aproveitamento do potencial turístico (Lima, S. e Careto, H. 2007).

O Desenvolvimento de acordo com Cowen e Shenton (1996) in Sharpley, e Telfer, (2004, p.23):

“parece desafiar a definição, embora não por falta de definições sobre a oferta. É um termo ambíguo utilizado de forma descritiva e normativa para se referir a um processo através do qual uma sociedade muda de uma condição para outro, e também atingindo o objectivo do processo; (...) ao mesmo tempo, tem sido sugerido que o desenvolvimento é um conceito filosófico, uma vez que faz alusão a uma condição futura desejável para uma sociedade em específico, (...) Em suma, o desenvolvimento pode ser pensado como uma filosofia, um processo, o resultado do produto ou do processo e um plano para guiar o processo no sentido dos objectivos desejados⁹”.

⁹ Texto em inglês tradução do autor.

O Desenvolvimento é também normalmente considerado um estado de progresso, incorporando transformações positivas, ou boas mudanças, não sendo assim uma condição estática mas sim um processo de contínuo progresso. No entanto é comum discutir este termo a nível de desenvolvimento mundial, onde pode-se ver que este conceito engloba todas as partes do mundo em todos os níveis, desde transformações individuais até às transformações globais (Thomas, 2000 e Elliot, 1999 in Sharpley e Tefler, 2004, p 40).

Assim, segundo alguns autores como Schmidt, Lewis e Harrison, o desenvolvimento acarreta consigo o termo modernização que, definido em termos socioeconómicos, segue um estágio evolucionário, sair de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna, ou da agrícola para a industrial e/ou do rural para o urbano in Sharpley e Tefler (2004).

Wall (1995) in Sharpley e Tefler (2004), mostra que não só é importante incrementar uma união forte com a comunidade local, mas também é importante entender a natureza da relação entre turismo e comunidade local.

Uma outra faceta importante é o *empowerment* da comunidade local na inclusão da mesma nos planos de desenvolvimento, o que levará a uma maior participação da comunidade local (*bottom-up model*) Jamal e Getz (1995), Gunn (1994) *et all* in Sharpley e Tefler (2004).

2.1.7 Roteiro/Rota /Itinerário /Circuito

O Roteiro, a Rota, o Itinerário, e o Circuito, podem ser considerados como elementos estruturantes dos percursos oferecidos num destino turístico, caracterizando o produto turístico e accionando a inerente divulgação, de uma cultura específica ao mercado, desde o local ao internacional (Gastal, 2000).

O Roteiro “é a componente descritiva de recursos turísticos e de pontos geográficos de interesse turístico-cultural, destacando-os pela sua relevância relativa, no conjunto de todos os atractivos considerados como inerentes ao conteúdo da Rota. (...). É o repositório de uma ou mais Rotas” (Figueiras *et al.*, 2010, p.52).

Segundo Barreto (1999) in Figueira (2010, p.64):

“Roteiro turístico é actividade turística que gera efeitos benéficos directos e indirectos na economia. Os directos resultam da despesa feita pelo turista no pagamento aos equipamentos turísticos e de apoio. Os efeitos indirectos são gerados pelo gasto por aquele que recebeu do turista e, ainda por conta de um efeito induzido, por outrem que tenha recebido daqueles que recebam dos prestadores de serviço ou donos de equipamentos”.

A palavra Rota é, etimologicamente, proveniente da cultura italiana com o significado de «roda», adicionado à ideia de “rumo” ou “caminho”. A outra designação latina de «rota batida» ou «rupta-», tem significado de «rompida» referindo-se, especificamente ao sentido de “apressadamente” e, “sem parar nem descansar”.

“A Rota é por isso um tipo específico de percurso constituído por um tronco funcionando como eixo principal e por ramos complementares daquele; percorrida num determinado espaço de tempo; tecnicamente autónoma ou ligada a outra Rota; organizada com uma geografia muito objectiva e desenvolvida numa determinada direcção; consumida em forma de percurso, dirigido á temática dominante e agregando vários Atractivos e actividades que a enriquecem como produto turístico singular; orientada para originar Circuitos, locais, bem identificados que se ligam, por sua vez, entre si, através de Itinerários com escala local e/ou regional.” Figueira (2010, p.66).

Assim outra referência bibliográfica explicita que a:

“Rota Turística pode ser definida como um itinerário Temático de um acontecimento próprio de uma comunidade ou área geográfica, que permite o conhecimento dos seus valores e atractivos mais particulares, capaz de atrair visitantes e motivar a movimentação em torno dela, visitando os atractivos, realizando actividades e utilizando os serviços que foram direccionados com esse objectivo”¹⁰.

¹⁰ DST Consultores Lda., (*Desarollo Turistico Sostenible*), (2007, p. 12).

Ainda a mesma fonte especifica no estudo que:

“Toda a Rota deve circunscrever-se num determinado espaço geográfico, numa unidade cultural ou numa comunidade reconhecida, estabelecendo percursos e itinerários que se estendem por distâncias e tempos razoáveis, que não abrangem mais do que quinze pontos ou alternativas de visitas, num prazo máximo de dois a três dias. Para lá dessa magnitude, a Rota deveria ser dividida em trechos ou sub circuitos”.

Quanto ao conceito de Itinerário é uma peça chave do processo de Roteirização. Pode ser componente da Rota ou ser utilizado como elemento autónomo de uma visita realizada entre dois ou mais Circuitos locais. Sendo o elemento que liga Circuitos entre si, representa uma unidade de visita mais ligeira que a Rota, porque abarca um percurso menor, mas mantém a característica temática que lhe é dada pelo tema da rota em que se integra.

O Itinerário com origem no vocábulo «*itineráriu-*» com o significado “*de viagem*”, pode entender-se como Roteiro e, também, como descrição de uma viagem caracterizando-se por ser um percurso, descrito com maior ou menos detalhe, unindo pontos de interesse turístico de um caminho; a especificação ponto a ponto, dos lugares de passagem; sustentado por actividades relacionadas com os conteúdos a descobrir; composto por oferta de bens e serviços; percorrido em sistema pedonal ou usando veículos de diversas origens.

Segundo Gomez e Quijano (1991):

“Itinerário deve-se entender a descrição de um caminho ou Rota que especifica os lugares por onde passa e vai propondo uma serie de actividades e serviços no decurso do passeio. Na opinião destes autores o termo passeio também pode ser utilizado, embora não seja muito comum na Europa, sendo no entanto bastante reconhecido na América Latina” in Ferreira, Aguiar e Pinto (2012, p.117).

Assim podemos entender itinerário como a linha que, ligando pontos de interesse turístico (Circuitos), constitui-se como um ou mais ramos de uma Rota.

Outras definições de itinerário se poderão aduzir tais como a da ICOMOS quando refere que, “Um Itinerário Cultural é uma via de comunicação terrestre, aquática, mista ou outra, determinada materialmente, com uma dinâmica e funções históricas próprias, ao serviço dum objectivo concreto e determinado”.

Com origem no latim «*circuitu-*» especifica o «*ato de dar uma volta*». Designa uma linha de percurso com um ponto coincidente de partida e de chegada. A Volta (ou Circuito) é o giro, termo derivado do vocábulo grego «*gýros*» e depois pelo latim «*gyru-*», ambos significando “círculo” e, por extensão, “percurso, passeio, ronda”.

Neste caso, o mesmo autor define Circuito como:

“Uma viagem combinada num determinado percurso que pode, em conjunto com outros Circuitos, originar um Itinerários; uma viagem em que os operadores prestam vários serviços (package tour); uma programação de percurso em segmentos temáticos que se ligam; uma viagem desenhada de modo a que o ponto de partida seja coincidente com o ponto de chegada; um espaço percorrido a pé ou usando diversos tipos de transporte; uma viagem organizada de média-curta duração com um determinado preço, que contempla informação aos consumidores sobre ponto de partida, horários e actividades, e ponto de saída do Circuito”.

Assim, neste capítulo citamos alguns conceitos necessários a melhor compreensão do nosso trabalho. Conceitos imprescindíveis como o do turismo, do turismo religioso/cultural de forma a mostrar as duas vertentes e a sua ligação. Discutiu-se também o conceito de património, principalmente os conceitos de preservação, conservação, restauro e revitalização.

Capítulo 3. Organizações Nacionais e Internacionais-Leis de Preservação

É bem remota a preocupação e discussão à volta dos patrimónios e da cultura, analisando e discutindo entre vários estados e associações as diversas formas de preservação, conservação e/ou restauro dos monumentos ou patrimónios por todo o mundo. É neste sentido que foram feitas várias convenções e criadas várias Cartas Internacionais como forma de alertar, legislar e encorajar na preservação e conservação dos testemunhos das antigas e vindouras civilizações.

Torna-se importante para os Estados legislar em defesa e preservação desses bens para garantir a continuidade cultural e natural, mas também controlar, na prática, o seu funcionamento, através de organismos competentes para tal.

Essa preocupação adversa sobre a salvaguarda do património fez com que aparecessem Cartas, como o caso da Carta de Atenas (1931) que já relatava sobre as questões de preservação e restauro, e com conclusões bem definidas em 7 pontos bem explicados resultados duma conferência em Atenas que descreveu-os da seguinte forma:

- I- Doutrinas. Princípios Gerais. – refere a questão de uma manutenção regular e permanente, apropriada para assegurar a conservação dos edifícios e o respeito as obras históricas e artísticas do passado, sem prejudicar o estilo de nenhuma época, e recomenda ainda que se mantenha uma utilização dos monumentos, para assegurar a continuidade de sua vida;
- II- Administração e legislação dos monumentos históricos. – como objectivo de proteger os monumentos de interesse histórico, artístico ou científico, pertencentes às diferentes nações. Consagrando nessa matéria um certo direito da colectividade em relação à propriedade privada. Esclarecendo também sobre as dificuldades em conciliar o direito público com o particular;
- III- A valorização dos monumentos – respeitando, na construção dos edifícios, o carácter e a fisionomia das cidades, sobretudo na vizinhança dos

monumentos antigos, cuja proximidade deve ser objecto de cuidados especiais;

IV- Os materiais de restauração – recomendam aos técnicos o cuidado na utilização de técnicas modernas, que podem alterar o aspecto e o carácter do edifício a ser restaurado;

V- A deterioração dos monumentos – refere-se às ameaças que cada vez mais, os monumentos, vêm enfrentando pelo mundo inteiro devido aos agentes atmosféricos, citando algumas recomendações importantes como forma de prevenção;

VI- Técnica de conservação – aconselha antes de qualquer intervenção uma análise escrupulosa e o reconhecimento antecipado com técnicos especialistas da área;

VII- A conservação dos monumentos e a colaboração internacional. – ela enaltece algumas alíneas que vão de encontro com outros aspectos essenciais na preservação e restauração dos monumentos, alíneas como, a cooperação técnica e moral; o papel da educação e o respeito aos monumentos e a utilidade de uma documentação internacional.

Tendo em consciência essa importância de conservar surge também a Carta de Veneza (1964, p.170) que no seu Art. 1º considera “os monumentos não como elementos isolados mas como integrantes de um ambiente urbano que vale pelo seu conjunto”. (...) ” esta noção aplica-se não só às grandes obras como também às obras modestas que, com o tempo, adquiram um significado cultural”.

Assim, como a Carta Internacional do Turismo (1999, p.3), que vem dotada de um leque de objectivos e princípios que nos mostram a preocupação da preservação e a integração da sociedade onde enaltece a questão de:

- *«Facilitar e encorajar as pessoas envolvidas na conservação e na gestão do património a tornarem o significado desse património acessível à comunidade residente e aos visitantes.*

- *Facilitar e encorajar a indústria do turismo a promover e a gerir o turismo sob formas que respeitem e que valorizem o património e as culturas vivas das comunidades residentes.*
- *Encorajar a formulação de planos e de políticas para o desenvolvimento de objectivos pormenorizados e mensuráveis, e de estratégias relacionadas com a apresentação dos sítios património e das actividades culturais, no contexto da sua preservação.»*

Cabo Verde, antes da independência nacional já sentia essa necessidade, de preservar, legislando, assim sobre a defesa através do Diploma Legislativo nº10-72 de 26 de Junho que fixa a título experimental, os meses de Julho, Agosto e Setembro como período de defesa da pesca de Lagosta em Cabo Verde (Art.1).

Ou seja, com uma consciência já da preocupação de preservação, já nessa altura começaram a tomar medidas de preservação de espécies como forma de não provocar o esgotamento das mesmas.

Consciencializados da necessidade de preservar foram criando mais leis no que tange ao Património cultural como a Lei nº13/74 de Dezembro criada pelo Ministério da Educação e Cultura, lei esta que foi reprimida pelas autoridades coloniais. Mas apesar disso com o Governo de Transição, criou-se uma comissão de Investigação e Divulgação Cultural, Decreto-Lei nº45/75 de 24 de Maio, que refere no seu:

Art.1º

“Esta comissão tem as seguintes competências: inventariar o Património Cultural de Cabo Verde; orientar toda a actividade cultural e artística do Estado de modo a enquadrá-la na situação histórica actual, libertando de todas as taras alienantes e inserindo-a como parte actuante (...).”

Porém, foi a partir dos anos 80 que se começou a dar mais atenção à questão da preservação do património natural, isto referente ao Art.9º que “o Estado de Cabo Verde exerce competência exclusiva em matéria de conservação e exploração de recursos naturais vivos e não vivos, na sua zona económica excluída por lei”¹¹.

A partir desta lei elaborou-se e enquadrou-se várias outras leis em matéria de Património do País.

Assim com o passar dos anos aumentou a preocupação com a preservação, num âmbito mais geral e nos anos 90, decretaram leis como o Decreto nº31/90 de 5 de Maio que aprova o *Protocolo de Cooperação entre a Republica Portuguesa e a Republica de Cabo Verde para a Recuperação de Cidade Velha*.

O Decreto-Lei nº99-A/90 de 27 de Outubro cria o “Instituto Nacional da Cultura (INAC), que tem por objectivo promover a defesa e a consolidação da identidade cultural nacional, a preservação, valorização e a divulgação do património histórico e cultural de Cabo Verde, (...)”. (Art.1º) in Martins (2011,p.71).

A Lei nº 102/III/90 de 29 de Dezembro define que o “Património Cultural Cabo-verdiano é constituído por todos os bens materiais e imateriais que, por seu valor próprio, devem ser considerados como de interesse relevante para a protecção da identidade e a valorização da cultura cabo-verdiana através do tempo”. (Art.2º) in Martins (2011,p.72)

E com todas as leis, é de notar que Cabo Verde tem feito um esforço contudo estas poderiam ser mais amplas, mas mesmo assim Cabo Verde tem estado à frente de vários outros países e lugares e em concertação com os requisitos exigidos pela UNESCO, é distinguida a Cidade Velha, em 2009 pelo Instituto da Investigação e Património Culturais (IIPC) como sendo Património da Humanidade.

¹¹ Constituição da República de Cabo Verde, Praia, Assembleia Nacional Popular, 1980, p.30 in Martins, António Fernandes, Tese de Mestrado em Património e Desenvolvimento, Legislação sobre a defesa do Património em Cabo Verde (1975-2005), Praia, 2011, p.53, UNICV.

Também a UNESCO em 1998, no que concerne a preservação dos patrimónios intangíveis no mundo e com o intuito de homenagear os grandes exemplos, cria uma condecoração denominada “*Proclamation of Masterpieces of the Oral and Intangible Heritage of Humanity*”.¹²

A UNESCO, tem desempenhado um papel primordial na preservação do património cultural do mundo inteiro, actuando no sentido de consciencializar os países a preservarem as suas heranças. Em 2003, esta mesma organização promoveu a “*Convention for the Safeguarding of the Intangible Culture Heritage*”¹³, documento este que defende que a herança cultural intangível entende-se por práticas, representações, expressões, conhecimentos e habilidades – bem como instrumentos, objectos e espaços culturais que lhe estão associados. Esta herança cultural intangível, transmite-se de gerações em gerações e é constantemente recriada pelas comunidades e grupos em acção com o seu ambiente, em interacção com a natureza e com a sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, promovendo o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003 in Malheiros, 2012, p.7).

Os governantes foram legislando ao longo dos anos e sempre de olhos postos nas necessidades e características de cada ilha ou zona, criando Gabinetes, Ministérios, como o caso do Ministério da Cultura (MC) criado no Decreto-Lei nº53/99 de 23 de Agosto, com o objectivo de “*promover a investigação, a identificação de valores culturais do povo cabo-verdiano; preservar, defender e valorizar o património histórico e cultural*” (Art.1º).

O Decreto-Lei nº2/2003 de 24 de Fevereiro aprova o diploma orgânico do Ministério da Cultura e Desportos (MED) com as mesmas atribuições da MC, mas com alguma preocupação não só com o património interno mas também com a sua divulgação:

¹² Proclamação das obras-primas relativas à Herança intangível da Humanidade in Malheiros, Ana Paula, Tese de Mestrado em Marketing e Promoção Turística, Presença Judaica em Belmonte: Assunção Identitária Local - Contributos e Constrangimentos para uma Oferta Turística Integrada, Portugal, 2012, IPL.

¹³ Convenção para a Salvaguarda da Herança Cultural Intangível, Idem.

“Promover a divulgação da cultura no estrangeiro, particularmente no seio das comunidades cabo-verdianas, em colaboração com o Ministério dos Negócios Estrangeiros Cooperação e Comunidades” (Art.2º).

Esse Decreto defende que “ a cultura precisa ter pés para andar, não pode ficar sempre de mão estendida, tem que tornar auto-sustentável e sustentar a economia de Cabo Verde”.¹⁴

Com efeito, Rodrigues (1989, p.5) diz que “ preservar a herança é negar fazer-se apagar como povo fazedor de história e parceiro na construção de um mundo melhor”. Isto pelo facto de vivermos num mundo onde a cultura é ameaçada, pela consequência da globalização.

Porém, acredita-se que com um plano e estratégias de acção participativa, vai ser possível fazer com que as pessoas tenham ou ganhem a consciência e se comportam correctamente assim como o Governo, actue pensando no futuro, com vontade política bem definida de modo a incentivar o envolvimento das comunidades.

O propósito deste capítulo foi de mostrar a necessidade e a preocupação em legislar em relativamente à preservação e conservação e/ou restauração dos monumentos e patrimónios. Evidenciamos essa preocupação a nível mundial, nomeadamente com as convenções mundiais, neste caso as Cartas Internacionais.

¹⁴ Cardoso, Pedro, “A cultura precisa ter pés para andar,” in A Semana, 1 de Agosto de 2003, p.3, citado por Martins, António Fernandes, Tese de Mestrado em Património e Desenvolvimento, Legislação sobre a defesa do Património em Cabo Verde (1975-2005), Praia, 2011, p.53, UNICV.

Capítulo 4. Levantamento Histórico da Presença Judaica¹⁵

4.1 O primeiro contacto com as Ilhas/Cabo Verde

Segundo Corea (1954) citado por Serels (1997, pp.1-2) dita a história que possivelmente os primeiros a pisar as ilhas foram pescadores senegaleses da costa africana, que distancia cerca de 450 km das Ilhas. Mas até hoje assim como a data do descobrimento do Arquipélago pelos Europeus, neste caso portugueses, não se tem a certeza, de quem foram os primeiros a pisarem as ilhas.¹⁶

Cita o mesmo autor que uma das primeiras ilhas a serem provavelmente visitadas foram as ilhas de Boavista e Fogo em 1456 pelo explorador Luís de Cadamostro conjuntamente com o seu contemporâneo Diogo Gomes. E só depois por volta dos anos 1460 e 1462 foram visitadas outras ilhas desta vez pelo explorador António de Noli, também a serviço de Portugal, que as baptizou com nomes como, San Jacob (Santiago), Mayes (Maio), San Cristóvão (Boa Vista) e Lana (Sal).

Numa carta enviada ao Príncipe da Coroa Portuguesa, o famoso Príncipe Henry, O Navegador, no dia 19 de Setembro 1462, dias depois da sua morte, Noli, descrevia, ter visitado 12 ilhas. Mas a 9 de Outubro do mesmo ano, numa outra carta ele, fala de 7 ilhas na posição oposta a Cabo Verde (Corea, 1954, p. 122-123 citado por Serels, 1997, p.2).

Com o descobrimento, começa logo a colonização e Santiago foi a primeira ilha a ser povoada, isto já em 1461 com portugueses colonizadores da região do Algarve em Portugal. O povoamento dessas ilhas, aparentemente áridas, começou com o reinado de Alfonso V, 34 anos depois do mandato de expulsão dos judeus Portugueses. Assim, foi decretado pelo Rei propositadamente que se incluísse os judeus na colonização. Uma outra fonte de povoamento foram os escravos Africanos, capturados na costa da Guiné.

¹⁵ A maioria deste capítulo foi feita a partir de Serels (1997), por não se conseguir obter muitas das bibliografias por este consultado e como o livro vem em Inglês foi feita a tradução directa de algumas partes, tradução feita pelo autor.

¹⁶ Ver História Geral de Cabo Verde Vol. I.

No ano de 1466, o Príncipe Fernando envia Padres para as ilhas com a finalidade de converter os negros escravos, mais concretamente para a cidade de Ribeira Grande de Santiago.

A recém-chegada comunidade judaica, era muito pouco conhecida, visto estarem mais preocupados com a Inquisição e a ordem de expulsão decretada pelo Príncipe de Portugal.

Mas temendo que muitos poderiam viver, em Dezembro de 1496, Portugal deu um ultimato que forçava a conversão de muitos judeus, com medo de verem partir muitas pessoas talentosas, devido ao facto de serem os judeus os melhores comerciantes e controladores financeiros. E, mesmo assim, muitos dos forçados a converter-se mantiveram fortes as suas crenças e rituais e a sua fé ancestral.

Assim, por causa da fidelidade e do segredo para com a fé ancestral, surgiu uma nova religião, os Novos Cristãos, considerados na época como suspeitos e desleais para com o Cristianismo. Consequentemente, o Rei Manuel proibiu a colonização pelos Novos Cristãos em Cabo Verde, com a excepção se tivessem alguma permissão especial. Tudo isto como forma de limitar e preservar as ilhas de tornarem um “céu” para os que desejassem continuar as suas práticas judaicas secretas.

Poucos foram os Judeus e muito menos os Novos Cristãos, que fixaram residência em Cabo Verde. Acredita-se que, os Judeus isolaram-se em alguns Guetos ou nas proximidades da Capital de Cabo Verde, visto que socialmente e racialmente eram repugnados pelos Portugueses (Meintel, 1984 citado por Serels, 1997, p.3 e 4).

Nesta fase, Cabo Verde passava por uma situação económica bem atractiva. O grande valor de Cabo Verde nesta altura era devido à sua boa situação para as navegações dos Navios transatlânticos, ou seja, os navios que carregavam escravos, ou procuravam escravos para comprar ou restabelecer alguns mantimentos (sal, comida e água fresca).

Contudo, neste mesmo tempo qualquer sinal da presença dos Judeus e dos Novos Cristãos, em qualquer uma das ilhas foi apagado, conjuntamente com as

frequentes incursões dos piratas e dos invasores Europeus. Assim, cada um na sua vez tentou ocupar ou obter Ribeira Grande, tanto os Ingleses, Franceses, como os Alemães, todos pilharam, saquearam e, por fim, queimaram a cidade. Como consequência, os Portugueses mudaram a capital mais para norte e deram-lhe o nome de Cidade da Praia. O que veio a renomear a cidade da Ribeira Grande de Cidade Velha. A nova capital, Praia, era mais defensável e eminentemente mais segura mas não inteiramente livre dos ataques corsários.

É nesta altura que, chega o tempo de expulsão dos judeus, e foi aí que os Monarcas Portugueses fizeram face ao problema de verem partir um importante segmento do sector económico e comercial do país. Esta partida não só deflacionou o estado real dos preços, mas também causou uma depressão económica que Portugal não estava preparado para enfrentar.

Depois da *Sancto Oficina de la Inquisicion*¹⁷ aberta em Espanha, no ano 1484, com a ordem de investigar e eliminar todas as práticas judaicas, Portugal dava algum espaço a crentes desta religião. Assim em 1492, os judeus escaparam rumo a Portugal, vendo Portugal como um lugar relativamente seguro. Foram muitos os que se converteram ao Cristianismo, durante este período, desde o descobrimento de Cabo Verde em 1460 e o início da colonização em 1462 até o ano 1496 houve judeus colonizadores.

Os anos de 1496-1497, marcaram o ponto de viragem da história judaica em Portugal. Forçado pelo mandato de expulsão, D. Manuel temendo a partida dos judeus, fechou portos, tirou crianças dos seus parentes, colocou padres nos caís de todas as fortalezas, como forma de prevenir a partida dos judeus. Alguns até saíram e procuraram refúgio no Império Otomano (áreas agora conhecidas como Grécia e Turquia) e em Marrocos (Brooks, 1993, p.178-179 *apud* Serels, 1997, p.4-9).

¹⁷ Para melhor esclarecimento ver Mattos, Yllan de. A Inquisição contestada: críticos ao Santo Ofício Português (1605-1681); Niterói, 2003. Tese de Doutoramento (História) – Programa Pós Graduação em História – Universidade Federal Fluminense, retirado em <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1501.pdf> acedido a 27 de Setembro 2013.

Assim, como consequências, para os que ficaram, num dia eram judeus noutra dia eram cristãos ou denominados Novos Cristãos. Mas, mesmo assim muitos secretamente continuaram as suas práticas judaicas, tornando-se “*Crypto-jews*”, ou seja, judeus-cristãos.

A Inquisição foi introduzida em Portugal, em 1536, pelo rei João III, o Piedoso, para monitorar as actividades dos Novos Cristãos na Metrópole Portuguesa. Isto foi perto de 50 anos depois de ter começado a Inquisição Espanhola, e 40 anos depois do mandato de Expulsão dos judeus de Portugal.

As instituições deram a oportunidade aos Velhos Cristãos de eliminar os competidores, os Novos Cristãos. Como consequência, no dia 30 de Outubro de 1544, o Comandante de Santiago, António Correia de Sousa, escreveu para o rei João III explicando, que não podia ganhar mais dinheiro para o tesouro real, devido à saída dos Novos Cristãos da Ilha, e que também o magistrado, Perez Munez não tinha acrescido os favores a coroa. (Correa, 1983, p. 75-77 in Serels, 1997,p.11).

A junção da Monarquia Espanhola e Portuguesa foi estabelecida no ano 1601. O Rei de Espanha um eterno seguidor da Inquisição, forçou a expulsão dos judeus pela sua impetuosidade, mesmo em Portugal, onde a Inquisição foi mas um incómodo do que uma ameaça nacional. A junção Monárquica decidiu que os Novos Cristão não poderiam mais viver na metrópole portuguesa, enquanto, que outros portugueses tinham de ser inspeccionados para terem permissão de viajar.

Todos os Novos Cristãos, que foram ao Oeste da África, foram denominados de Lançados. Não poderia haver contactos entre Portugueses Judeus e Portugueses Cristãos. Não era permitido debates sobre qual religião era a melhor. Quando morria um cristão, judeu, ou francês, o Rei herdava os seus pertences. As casas eram feitas em areia, de madeira e cobertos por dentro com couro. Assim, como a kola de Nozes, que tinha uma importante utilidade, tudo era considerado e requerido pelo rei como sendo um tesouro real.

Um dos primeiros Cabo-Verdianos a ser denunciado à *Santa Oficina* foi o bispo de Cabo Verde. Em 1581 ele foi acusado de conduta vergonhosa com mulheres descendentes de judeus (Brooks, 1993, p. 187 e 210 in Serels, 1997, p. 14).

Em 1595, Henriques Lopes foi condenado por ter vendido um cristão Africano para a Biafada governador dos Bijagós¹⁸. Legalmente, escravos cristãos só poderiam ser vendidos aos Cristãos.

Consequentemente, Cabo Verde transformava-se num ponto de transferência não só para a pessoa do escravo africano como também a sua alma. Em 1597, o agente real na Ribeira Grande, Nuno Franace da Costa, foi castigado pela Inquisição por alegadamente ter dito que se preocupava mais com as unhas da sua mulher africana do que com confecções e missas. (Brooks, 1993, p. 187 e 210 in Serels, 1997, p. 14).

Cansados da persistência da perseguição por parte da junção Monárquica, alguns judeus instalaram os seus negócios ou comércio ao longo da costa, navegando dentro e fora de Cabo Verde.

Em 1629, o governador de Cabo Verde, João Pereira Corte Real, na ilha Goree, em Dakar, Senegal, destruiu uma fortificação holandesa. A fortificação foi logo no ano seguinte reerguida. Ali ele encontrou uma sinagoga que foi encerrada e conjuntamente capturou vários judeus. Assim, em 1645, a Holanda recuperou Goree e os novos cristãos foram devolvidos à sua antiga religião (Brooks, 1993, p. 221,222 in Serels, 1997, p. 16).

Mesmo já passados 150 anos depois da forçada conversão, estes novos cristãos continuavam praticando os costumes judaicos e vivendo como os velhos cristãos Portugueses em Cabo Verde. (Brooks, 1993, p.222,223 in Serels, 1997, p.16,17).

¹⁸ Biafada e Bijagós grupos étnicos ou povos autótones da Guiné descritos em <http://fuzocultura.blogspot.com/> acedido em 16/02/2014.

4.1.1 A Presença dos Judeus em Ponta do Sol/Santo Antão

A cidade da Ponta do Sol situa-se numa fajã, mais ao norte da ilha de Santo Antão. Dista cerca de 4 km da cidade mais próxima, a cidade da Ribeira Grande e cerca de 42 km da cidade do Porto Novo, hoje em dia a porta de entrada da ilha. Tem uma tipografia variada, como um relevo muito montanhoso, tendo na rocha de Manel de Joelho a sua maior altitude, descendo por uma vasta encosta formando um grande Lajedo¹⁹.

Como nos conta a tradição oral, a ilha de Santo Antão foi achada no dia 17 de Janeiro, de 1462, data que celebra o aniversário do seu santo onomástico, data esta, também celebrada no Município da Ribeira Grande de Santo Antão. A designação da ilha – Santo Antão foi atribuída pelo navegador Português Diogo Afonso que a descobriu (Ferro e Haydée, 1998, p.11).

“ o povoamento da ilha foi iniciado em 1462 por algarvios, alentejanos e minhotos enviados pelo Infante D. Fernando, e porque a sua única actividade era a agricultura, os colonos viram-se obrigados a importar mão-de-obra negra, constituída maioria por escravos já ladinizados ou mesmo libertos. Depois, devido a benignidade do clima em relação as outras ilhas irmãs a ela os espanhóis, os franceses, os italianos e os norte americanos, seguidos pelos judeus” (Rocha, 1990, p.14).

Referente aos Judeus, segundo o Sr. António Leite²⁰, eles tiveram o primeiro contacto com Ponta do Sol, nos meados do séc. XIX, mais concretamente no ano 1860. E é sensivelmente a partir dessa época que começa a história da vila.

Os Judeus ao fugirem para a África, principalmente para a Tunísia, Argélia e Egipto, após a abolição da escravatura, e na sequência do tratado entre Portugal e Reino Unido, e com a cidadania Inglesa que lhes concedia a liberdade de movimentação e aquisição de propriedades como bem entendessem de acordo

¹⁹ In [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponta_do_Sol_\(Cabo_Verde\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponta_do_Sol_(Cabo_Verde)) acedido a 14 Dezembro 2013.

²⁰ Ver notas sobre a biografia de Leite em Apêndice na p.96.

com o tratado e desde que tivessem em conformidade com as leis Portuguesas, sob este pressuposto chegaram a Ponta do Sol (John Wahnou²¹, 2013).

Assim, com o passar dos anos e com um crescimento notório de Ponta do Sol foram chegando e fixando-se cada vez mais famílias judaicas, como os Cohen, Wahnou, Auday, Pinto Benoliel²² e muitos outros.

Praticamente 20 anos depois da vinda dos judeus, Ponta do Sol passou a ser vista como o melhor comércio de barlavento, isto devido à astúcia e ao poder de investimento dos judeus que viram oportunidades aqui de comércio, financeira e de desenvolver um lugar.

Com este crescimento acelerado devido ao comércio judaico, Ponta do Sol começa a ser vista pelos portugueses e como efeito, a coroa, logo no ano 1885, por decreto de 6 de Dezembro, elevava Ponta do Sol à categoria de Vila, com o nome de Vila Dona Maria Pia²³ e sede do Concelho.

Três anos mais tarde, depois do decreto de elevação à categoria de vila em 1885, já na vigência do Estado Republicano, começaram a instalar-se as primeiras repartições públicas, como a Câmara Municipal, Administração do Conselho e Comando Militar, Patronia dos Portos da ilha e um rol de funcionários públicos que exerciam funções administrativas e outras na vila enquanto sede do concelho e da comarca judicial de Barlavento (Monteiro, 2010, p.11 in Lopes, 2012, p.26).

Com a vila acima do estatuto político, e com a cooperação entre os portugueses, os judeus e a população, Ponta do Sol começa a ter o desenho de uma vila com estrutura, com pessoas de elite, belas casas, edifícios, enfim uma estrutura de vila próspera.

²¹Descendente de Judeus sefarditas e membro do concelho Executivo da Associação para a Preservação da Herança Judaica em Cabo Verde em <http://www.expressodasilhas.sapo.cv/exclusivo/itemlist/user/416-antoniomonteiroexpressodasilhas>.

²² Apellidos ou sobrenomes de origem judaicos. Para mais esclarecimentos ver Notas p.86, Famílias (origem e continuação).

²³ Informação obtida em entrevista com o Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande, o Sr. Orlando Delgado, realizada a 09 de Novembro de 2010.

4.1.2 O primeiro motivo da chegada dos judeus e a relação com os habitantes.

Pelas várias pesquisas feitas, constatou-se que não existem documentos na ilha, que comprovem o verdadeiro motivo da escolha de Ponta do Sol. Sabe-se que, a entrada dos judeus em Cabo Verde foi, na altura, uma escapatória à Inquisição dos Espanhóis.

Mas, como nos narra Leite, esses judeus eram pessoas de uma visão muito ampla, e com perspectivas futuras. Estes ao chegarem a Ponta do Sol, devido ao grande poder económico começaram a instalar-se e a dominar no que concerne ao comércio, tornando-se nos detentores da economia local.

Instalaram-se ao longo da Rua Direita²⁴, criando assim uma rua própria dos judeus com grandes edificações nunca antes vistas em Santo Antão, ou seja, típicas do seu próprio domínio económico. Eram pessoas da elite e no dia-a-dia da vila, actuavam como tal, não se misturando muito com a população, até mesmo devido aos próprios princípios judaicos, segundo o Sr. Hermínio França²⁵ (2013).

A Rua Direita ficou com este nome pois era conhecida como Rua às Direitas onde estavam as construções pertencentes aos Brigham, Cohen, Pinto, Wahnnon, onde não se podia caminhar de qualquer forma e havia até um horário para o movimento na dita rua.

Mas, com a evolução e o desenvolvimento, foram muitos os filhos de Ponta do Sol, que viram suas vidas, melhoradas devido aos judeus, graças aos postos de trabalho criado por estes e também pelos serviços prestados nas casas e nas lojas, como empregadas domésticas, vendedores, entre outros serviços.

Um caso verídico e ainda vivo é o caso do Sr. Hermínio França, que conta, ter começado a trabalhar na loja dos judeus com 13 anos de idade, mais concretamente no ano de 1939, até ter fechado a loja, devido à emigração dos

²⁴ Antiga rua João Machado.

²⁵ Ex-funcionário da loja do Sr. Júlio Neves e Dona Brigham, e proprietário de muitos terrenos na cidade de Ponta do Sol, que herdou desses judeus, quando partiram para Portugal. Foi o guarda chaves do Cemitério de judeus na cidade da Ponta do Sol, até a CMRG tomar posse do mesmo devido à sua idade avançada.

donos. Neste caso, a loja do Sr. Júlio Neves casado com a filha do Sr. Abrão Brigham, chamada de Joana de Júlio Neves. Tendo o Sr. Hermínio herdado dos judeus, muita riqueza e terras não só na vila como em outras partes da ilha.

São vários os casos como este, mas das várias tentativas de entrevistas e devido à idade avançada de alguns entrevistados, não se conseguiu obter muita informação, mas salientam que, na altura, trabalhar nas casas ou lojas dos judeus, não era para qualquer pessoa visto terem muitos princípios religiosos e regras de etiquetas adoptadas pelas pessoas da elite, que eles eram obrigados a saber. Conta-nos uma ex-empregada doméstica, a Sra. Maria Amélia (2013)²⁶ também ainda viva, que:

“ No todo, era muito bom trabalhar na casa de gente rica, visto que conseguíamos muitas coisas para os nossos filhos, como roupas, comidas, brinquedos sabendo que na altura a pobreza era muito dura, e o dinheirinho que recebíamos na altura, algo como 15 escudos, não chegava para tanto luxo”.

Por ser um povo com sede de negócio, o judeu não ficou só pelo comércio da vila, também investiu fortemente na pesca, criando laços fortes com os pescadores da vila, dando-lhes todo o material, desde botes aos utensílios de pescas para que esses pudessem trabalhar para eles, explorando também o sector da pesca.

Para além do equipamento de trabalho, os judeus também ajudaram os pescadores com o financiamento para um projecto de construção de algumas casas e doando-as aos pescadores, surgindo um novo bairro na vila denominada de Casinhas²⁷. Esse bairro ficava situado praticamente atrás da alfândega velha, ao lado do cais da Boca de Pistola, hoje diante do pelourinho, e se estendia por quase toda a Avenida de Nossa Senhora do Livramento²⁸ (demoliram o bairro e traçaram sobre o espaço a recente avenida). O bairro foi construído com o apoio,

²⁶ Senhora bem conhecida em Ponta do Sol, trabalhou muitos anos de empregada em casas de judeus, foi uma das entrevistadas do grupo Juventude em Marcha, é uma figurante da peça de teatro que retrata a vida do Sr. Abrão Brigham.

²⁷ Antiga zona de residência dos pescadores da vila. Eram construções em forma de comboio, com uma ou duas janelas ao lado da porta e com pequenos quintais.

²⁸ Nome dedicado à recente construída Avenida em homenagem à Santa onomástica da cidade, inaugurada pelo Presidente da Câmara o Sr. Engenheiro Orlando Delgado.

principalmente do Sr. Adão e a sua filha Joana. Este era constituído por pequenas casas de telha típica de moradias para o pescador daí deriva o nome de Casinhas.

“Eu me lembro da Dona Sérgia, uma senhora que costurava para gente grande da terra, para os administradores da terra, para os judeus da terra, era a primeira casa desta zona, no meio de casinhas para quem desce para o aeródromo, e que vai culminar numa casa onde morava o Sr. António de Guilherme, (...) também morava lá a Dona Libânia pessoa que lavava roupa para os funcionários da terra. Essas famílias praticamente foram as primeiras a habitar essa zona de casinhas, que hoje já não existe devido a construção do aeródromo em 1981, e então essa gente que morava no bairro de casinhas foi transferida para um outro bairro, denominado também de Casinhas, mas que hoje esse bairro fica situado nesta zona próxima do largo do Estádio de João Serra, praticamente atrás do Hospital”. Leite (2013).

Mas como se não chegasse somente a exploração comercial e a pesca, os judeus também começaram a entrar para o interior da ilha explorando também a terra. Muitos judeus também participaram no desenvolvimento da agricultura em Santo Antão. No interior da Ribeira Grande e do Paul, conquistaram e adquiriram grandes propriedades explorando a agricultura visto que exportavam produtos agrícolas para Portugal e mesmo entre ilhas. “O comércio era, de facto, a ocupação principal, mas, é claro, se está aí um terreno que produz algo que posso exportar para Portugal, não ficavam à espera que viesse o bom Deus do céu e fizesse a agricultura” (John Wahnnon, 2013).

São exemplos como a introdução na ilha do Café por Jonas Wahnnon filho de Fernando Wahnnon, em que hoje em dia existe um instituto de agronomia em Lisboa com o seu nome (Instituto de Agronomia Jonas Wahnnon).

Mas os judeus não foram somente comerciantes e proprietários, foram também professores, escritores, advogados, jogadores de futebol, pintores, poetas, músicos, entre um inúmero de profissões, assim ficando nomes que jamais serão esquecidos devido ao legado considerável deixado.

4.1.3 A importância judaica para o desenvolvimento da cidade de Ponta do Sol

Pode-se dizer que tudo aponta que foram os judeus os propulsores do desenvolvimento ou crescimento da antiga Vila Dona Maria Pia.

Numa entrevista feita ao Sr. António Leite, este conta-nos que, os judeus só chegaram nos meados do século XIX, concretamente no ano 1860, tendo como dado comprovado ser a família de Abrão Brigham, a primeira a chegar à zona da Ponta do Sol.

E é somente depois da vinda dos judeus que Ponta do Sol começa a ganhar dinamismo e desenvolvimento fazendo com que na época Ponta do Sol fosse a escolha, visto que os Judeus eram severamente perseguidos.

Ao chegarem, e por serem conhecidos como detentores de grande poder económico, começaram a investir, tal vê-se pelas velhas e grandes emblemáticas casas comerciais e de famílias, e traços deixados na cidade. Nessa época que começam a chegar os Cohen, Wahnon, Pinto, Fatudas, Auday Salomão, Benoliel e muitos outros. Ponta do Sol começa a ter pessoas de elite²⁹ e estes viam Ponta do Sol como um lugar de futuro.

Em 1880, praticamente 20 anos já enraizados na vila, começa a haver o melhor comércio de barlavento em Ponta do Sol, devido aos judeus que investiram fortemente no comércio e deram um grande *input* à Rua Direita, assim como à zona de Ponta do Sol, trazendo das outras ilhas matérias-primas, de diversos géneros, como exemplo, materiais de construção, em que a cal vinha em estado bruto e era confeccionada e tratada no forno de cal³⁰, situado na zona de Banco de Areia, hoje em ruínas (Leite, 2013).

“Ponta do Sol viveu momentos áureos, porque vinham veleiros das ilhas para Ponta do Sol, visto na época ser a vila a porta de entrada da ilha. Todo o tráfico que se fazia de bens e serviços passava por Ponta do Sol, vinham

²⁹ Ver ilustração em Anexo p. 97.

³⁰ Ver foto em Anexo, p.97.

barcos com cal da Boa Vista, com sal das salinas da ilha do Sal e do Maio, e conseqüentemente esses barcos levavam banana, produtos hortícolas para fazerem o comércio inter-ilhas. Com isto Santo Antão começa a ter, efectivamente um desenvolvimento notório, e começou a ser frequentado por gentes de diversas origens”. Leite (2013)

Assim, com este crescimento acelerado devido ao comércio judaico, Ponta do Sol começa a ser visto pelos portugueses como uma zona de futuro e prosperidade económica. Concedendo-lhe a elevação há sede da comarca de barlavento durante 47 anos, desde 1887 a 1934, data em que foi transferida para S. Vicente.

Começa o desenvolvimento urbano rumo ao futuro, e em 1887, propriamente, a vila começa assim a ganhar forma, com surgimento de casas, moradias, vivendas de estilo alegre.

“Os judeus eram os responsáveis pelo comércio de qualidade, como o gado e todos os produtos trazido dos interiores da ilha de Santiago, eram comercializados em Ponta do Sol. Chegavam pessoas de todas as ilhas para comprar em Ponta do Sol, esta estava acima da região no âmbito político, porque já tinha estatutos de Vila, sede da comarca e havia um comércio forte dos judeus”. (Leite, 2012 in Lopes, 2012, p.27).

E, nesse período, os judeus já faziam parte de todo o povoado da vila prestando vários outros serviços, como por exemplo o professorado como consta no *BO nº6 de 9 de Fevereiro de 1901*³¹, que comprova a nomeação provisória a cargo de professor o Sr. David Benoliel, e muitos outros cargos em quase toda a vila da R^a Grande de Santo Antão.

Chegam também portugueses da metrópole, e das províncias ou colónias do Ultramar, com o intuito de assumir cargos administrativos, assim como também mais famílias judaicas. Portugueses de renome na vila como a família Serra, por exemplo, o Sr. José Pereira Serra e o filho João Serra.

“Resumido no pescador da Guiné, os judeus que investiram no comércio e os portugueses que vieram, logicamente deram um grande pontapé de

saída e de desenvolvimento de Ponta do Sol, que outrora era um povoado, uma localidade, um pequeno lugarejo onde havia somente pescadores, portanto há que se tirar o chapéu aos judeus, porque de facto se Ponta do Sol é o que é hoje deve-se aos judeus”. (Leite, 2013).

Também com um número representativo de habitantes teve logo no ano 1983 uma pista de aterragem, que veio a juntar-se ao cais datado do ano 1892, tornando a vila da Ponta do Sol como a porta principal de entrada da ilha de Santo Antão (Rocha, 1990 in Lopes, 2012).

4.2 O perfil do Turista Judeu³²

O turismo em busca das civilizações perdidas ou entidades, assim como das origens têm crescido muito a nível mundial, e este segmento de turismo judaico, vem crescendo e a larga escala, tornando-se num óptimo nicho de negócio. É neste sentido que, inserido no turismo religioso, e sendo esta religião, assim como o seu povo em Cabo Verde uma realidade quase que extinta, pensamos desenvolver este trabalho num intento de recuperação e/ou preservação, do mesmo.

Numa entrevista feita à Mestre, Alexandra Ferreira, técnica de turismo em Lisboa, pelo Mestre e Professor Carlos Santos, a mesma descreve em poucas palavras o perfil do turista judaico que visita Portugal:

- Procura perceber a origem da sua história, nomeadamente relacionadas com as famílias, marcas arquitectónicas (Sinagogas³³, Judiarias³⁴) e rituais fúnebres (Cemitérios);

- Estadia média que varia entre 8 a 9 dias;

³¹ Dados recolhidos no arquivo da CMRG.

³² Dados cedidos pelo Professor e Mestre Carlos Santos da quando de uma entrevista feita à Mestre Alexandra Ferreira, Técnica de Turismo, em Lisboa a 23 de Setembro 2013. Pela ausência de dados referentes ao perfil do turista judeu em Cabo Verde, até porque é um nicho que não existe neste momento, optou-se por seguir o perfil do turista judeu que visita Portugal oferecido pela Mestre.

³³ Espaço de culto judaico, lugar de reunião, de concentração e de “escola, porque tradicionalmente a sinagoga é também um lugar de ensino. É antes de tudo um lugar de oração: celebram aí os ofícios públicos e lê-se ritualmente a Tora” (Attias & Benbassa, 1997,p.263 in Malheiros, 2012,p.29).

³⁴ Era o espaço onde viviam os judeus (uma ou mais ruas) Tavares, 1995,p.13 in Malheiros, 2012,p.27.

- Amantes de paisagens do interior;
- Preferem hotéis de 4 estrelas, primando pelo bem-estar e a qualidade dos serviços sem se “importarem” com os preços;
- Idade compreendida entre os 70 a 80 anos (segmento de turismo sénior);
- Boa parte é de nacionalidade norte-americana;
- Preferem viajar em grupo;
- Geralmente têm boa mobilidade (não têm dificuldades em percorrer longas distâncias);
- Preferem viajar de autocarro (interior do país);
- Geralmente optam por não jantar;

Para além, do perfil acima traçado pode-se salientar ainda, que começa a haver um enorme interesse por parte de jovens oriundos de famílias judaicas que hoje, devido a várias informações, com muita divulgação e o forte crescimento desse segmento de turismo, vêm começando a praticar este tipo de turismo, no intuito de conhecer e perceber melhor a história dos seus ancestrais.

Ferreira, classifica o turista judaico como um turista com grande capacidade de compra, devido às suas preferências e à aptidão pela boa qualidade, seja nos alojamentos assim como também em não medir esforços para conseguir tanto visitar como ver ou contactar com testemunhos ou familiares oriundos da linhagem judaica.

4.3 Levantamento do Património Judaico da ilha de Santo Antão³⁵

4.3.1 – Antiga Residência Abrão Brigham

Figura 1 - Antiga Residência Abrão Brigham



Fonte: Própria

Localização: Cidade da Ponta do Sol;

Zona: Lajedos, Meia Laranja;

Tipologia: Arquitectura Pública Civil;

Época de construção inicial: ano 1890;

Função inicial: Empresa Pública de Abastecimento a nível Nacional;

Função actual: Loja de venda de Artesanato Africano/Cabo-verdiano;

Proprietário: Câmara Municipal da Ribeira Grande;

Estado de Conservação: Razoável;

Grau de Classificação Proposto: Interesse Municipal.

Descrição Histórica e Arquitectónica: Foi em tempos a residência do primeiro Judeu a residir na antiga Vila Maria Pia (hoje Cidade da Ponta do Sol), o Senhor

³⁵ A classificação dos Imóveis foi feita de acordo com o Processo de Classificação da IGESPAR, em <http://www.igespar.pt/pt/patrimonio/itinerarios/alentejo> acedido a 12 Dezembro de 2013.

Abrão Brigham e família. Em 1890 construiu o primeiro edifício de dois pisos virado para o mar, em frente à zona de Lajedos, com vista para a baía e o Caís da Cidade. Esta residência foi destruída por um incêndio, 48 anos depois da sua construção em 1938. Em 1973, foi construída a antiga Alfândega, em substituição das antigas alfândegas que ficavam junto à entrada do caís, que foram demolidas devido à construção do Aeródromo. Nos últimos anos, o edifício da antiga alfândega veio a funcionar como Armazém da antiga Empresa EMPA, donde lhe ficou o nome.

É um edifício de traços puramente coloniais, de planta rectangular com três fachadas simples. Consta na fachada principal uma porta central ladeada por duas janelas de cada lado. Apresenta um volume simples e uma cobertura de duas águas em telha cerâmica. Ostenta no tardo um pequeno quintal.

4.3.2 – Antiga Residência de David Cohen.

Figura 2 - Antiga Residência de David Cohen.



Fonte: Própria

Localização: Cidade da Ponta do Sol;

Zona: Rua Direita;

Tipologia: Arquitectura Doméstica;

Época de construção inicial: 1915;

Função inicial: Habitação e Comércio;

Função actual: Devoluto;

Proprietário: Empresário Romão Duarte;

Estado de conservação: Ruínas;

Grau de classificação: Interesse Nacional.

Descrição Histórica e Arquitectónica: Edifício construído em 1915, data ainda visível em cima da porta principal, funcionava como moradia no segundo piso e comércio no piso inferior, era a residência do Judeu David Cohen e família. Já foi uma das maiores lojas comerciais da cidade ou da ilha na altura. Já foi dos edifícios mais emblemáticos da cidade, tinha como vizinhos a Dona Nené Brigham, filha de Abrão Brigham, casada com o Sr. Daniel Gomes. Hoje encontra-se em ruínas e à espera de um novo dono para lhe dar vida como antigamente.

Apresenta uma planta rectangular com dois pisos. O segundo tem seis vãos de arco de asa de cesto alinhados com os do primeiro. O primeiro piso é constituído por oito portas. As portas colocadas nas extremidades são emolduradas com arcos de volta inteira e são de grandes dimensões. Expõe ainda duas varandas de sacada com guarda. Apresenta uma cobertura de 4 águas em telha cerâmica, e com presença de janelas com águas furtadas. Exibe um amplo quintal na parte traseira do edifício.

4.3.3 – Antiga Residência de Dona Nené Brigham e Daniel Gomes

Figura 3 - Antiga Residência da Dona Nené Brigham e Daniel Gomes



Fonte: Própria

Localização: Cidade da Ponta do Sol

Zona: Rua Direita

Tipologia: Arquitectura Doméstica

Época de construção inicial: 1915

Função Inicial: Habitação e Comércio

Função Actual: Habitação

Proprietário: Sr. Jorge

Estado de conservação: Bom

Grau de classificação: Interesse Nacional.

Descrição Histórica e Arquitectónica: Antiga residência da Dona Nené Brigham casada com o Sr. Daniel Gomes, filha do judeu Abrão Brigham. Edifício dos anos 1915 da mesma época da casa vizinha a família Cohen (David Cohen). Era em tempos destinada a moradia e comércio. Possivelmente uma das casas mais bem preservadas na arquitectura interna.

Edifício de planta rectangular, com dois pisos. No frontispício do edifício constam 10 vãos alinhados, que estão distribuídos pelos dois pisos. Apresenta uma varanda de sacada com guarda. A cobertura é de 4 águas, com uma água furtada, visível na fachada principal. Ainda apresenta um quintal na parte traseira do edifício.

4.3.4 – Antiga Residência da Família Brigham e Vitória

Figura 4 - Antiga Residência da Família Brigham e Vitória



Fonte: Própria

Localização: Cidade da Ponta do Sol

Zona: Rua Direita;

Tipologia: Arquitectura Doméstica;

Época de Construção Inicial: 1890;

Função Inicial: Habitação e Comércio;

Função actual: Habitação e Comércio;

Proprietário: Privado

Estado de conservação: Bom;

Grau de classificação: Interesse Nacional.

Descrição Histórica e Arquitectónica: Residência da família Brigham e Vitória. Casa da Dona Joana Brigham casada com o comerciante Júlio Neves e irmã da Dona Nené ambas filhas do Sr. Abrão. Morou também a esposa do Sr. Abrão, a Dona Vitória depois da destruição da primeira casa do Sr. Abrão.

O edifício de planta rectangular encontra-se no cruzamento da Rua Direita com a rua que desce para o Aeródromo e tem duas vistas, compostas por 18 vãos distribuídos nos dois pisos. No piso inferior é composta por uma janela e nove portas. No piso superior mostra uma varanda de sacada com uma porta e 7 aberturas regulares. Também possui um quintal na parte traseira do imóvel.

4.3.5 – Antiga Residência da Família Wahnnon

Figura 5 - Antiga Residência da Família Wahnnon



Fonte: Própria

Localização: Cidade da Ponta do Sol;

Zona: Rua Direita;

Tipologia: Arquitectura Doméstica;

Época de construção inicial: 1920;

Função inicial: Habitação e Comércio;

Função actual: Habitação e Comércio;

Proprietário: Irmãos Santos;

Estado de conservação: Bom;

Grau de classificação: Interesse Nacional.

Descrição Histórica e Arquitectónica: Antiga residência da família Wahnnon, que com a mudança e fixação no concelho de Paúl, passou a ser pertença da família Marçal, que mais tarde se mudou também para a Vila da Ribeira Grande. Também na década de 50 e 60 do século passado funcionou como Igreja Nazarena. E um facto muito marcante também é que foi nessa habitação que viveu o escritor/poeta do famoso Hino da Ponta do Sol, a linda e autêntica Morna em homenagem à vila, o Sr. António Caldeira Marcos.

A construção é de planta rectangular, com duas fachadas visíveis, da rua principal. Na fachada principal da obra encontramos 12 janelas alinhadas, que estão distribuídos pelos dois pisos. No piso inferior, temos 10 portas e 3 janelas. No piso superior, para além da porta com varanda, sem sacada, ostenta 11 aberturas rectangulares. A cobertura é de 4 águas e com 4 janelas de águas furtadas de iluminação para o sótão. Possuindo um quintal na parte traseira do imóvel.

4.3.6 – Antiga Casado Sr. Lela Lopes e Dona Elisa Cohen

Figura 6 - Antiga casa do Sr. Lela Lopes e Dona Elisa Cohen.



Fonte: Própria

Localização: Cidade da Ponta do Sol;

Zona: Rua Direita;

Tipologia: Arquitectura Doméstica;

Época de construção inicial: 1920;

Função inicial: Habitação;

Função actual: Palácio da Justiça e Conservatória dos Registos;

Proprietário: Ministério da Justiça;

Estado de conservação: Bom;

Grau de classificação: Interesse Nacional.

Descrição Histórica e Arquitectónica: Antiga casa do saudoso Manuel Lopes da Silva vulgarmente conhecido de Lela Lopes, advogado, casado com uma judia filha do Sr. Benjamin Cohen, chamada de Dona Elisa Cohen. Esta família depois de se mudar para a zona de Santa Barbara da Vila da Ribeira Grande, a casa

passou a funcionar como Brigada Técnica e Construção de Estradas. Recentemente alberga nas suas instalações o Palácio da Justiça e a Conservatória dos Registos.

4.3.7 – Cemitério de Judeus – Cidade da Ponta do Sol

Figura 7 - Cemitério de Judeus – Cidade da Ponta do Sol.



Fonte: Própria

Localização: Cidade da Ponta do Sol;

Zona: Chã de Cemitério;

Tipologia: Arquitectura da Morte;

Época de construção inicial: 1894;

Função inicial: Cemitério;

Função actual: Cemitério;

Proprietário: CMRG;

Estado de conservação: Razoável;

Grau de classificação: Interesse Nacional.

Descrição Histórica e Arquitectónica: Foi o segundo e último cemitério de judeus construído em Santo Antão, com o total apoio da família Brigham. Apresenta no seu interior sete campas, na maioria em mármore, com uma única campa feminina separada dos outros. Sobrenomes das famílias Pinto, Brigham, Cohen, Auday todos foram nela sepultados entre os anos 1894 - 1941. Tendo como registo a família Auday (Salomão) e Pinto (Mena) os primeiros a serem enterrados no cemitério.

4.3.8 – Cemitério de Judeus – Penha de França

Figura 8 - Cemitério de Judeus – R^a Grande - Penha de França



Fonte: Própria

Localização: Cidade da Ribeira Grande;

Zona: Penha de França, Santa Bárbara;

Tipologia: Arquitectura Doméstica;

Época de construção inicial: 1870;

Função inicial: Cemitério;

Função actual: Cemitério;

Proprietário: CMRG;

Estado de conservação: Razoável;

Grau de classificação: Interesse Nacional.

Descrição Histórica e Arquitectónica: O primeiro cemitério de judeu construído em Santo Antão. Construída numa zona antes não habitada no cimo da pequena montanha de Penha de França, isto devido à separação entre o cristão e o judeu. Apresenta seis campas com a devida separação entre o homem e a mulher tendo uma única campa feminina, todos em mármore de cor mais ou menos rosacinzento. Foram sepultadas membros de famílias com sobrenomes como Benrós, Brigham, Elbaz, Maman, Auday, entre os anos 1870 – 1907.

4.3.9 – Antiga Sinagoga/Ruínas da Gafaria dos Leprosos

Figura 9 - Provavelmente uma antiga Sinagoga/Ruínas da Gafaria dos Leprosos.



Fonte: Própria

Localização: Cidade da Ribeira Grande;

Zona: Sinagoga;

Tipologia: Arquitectura Publico;

Época de construção inicial: 1870;

Função inicial: Hipotética Sinagoga dos judeus e Casa dos Leprosos;

Função actual: Devoluto;

Proprietário: CMRG;

Estado de conservação: Ruínas;

Grau de classificação: Interesse Nacional.

Descrição Histórica e Arquitectónica: Sinagoga nome típico judeu, lugar na altura escolhido para o culto dos judeus (escondido)³⁶. Poderá ter sido um pequeno espaço de residência que ficava a escassos metros do mar, a zona recebeu o nome de Gafaria quando construíram em 1947 o Centro de recolhimento dos Leprosos. As pequenas casas que aí existiam foram mudadas para a Ribeira de Joaquim Antoninho³⁷.

4.4 Crenças e rituais fúnebres.

Para todas as culturas e todas as civilizações, a morte sempre mereceu um respeito e um tratamento especial. Assim podemos dizer que no judaísmo, alguns ritos ligados à morte têm algo de diferente perante outras religiões concedendo-lhe uma certa maneira judaica de morrer. Para o judeu, a morte significa a crise da vida, sendo que a maneira como o homem lida com a morte indica muito sobre sua atitude para com a vida. Assim, como há um estilo judaico de vida, também existe um estilo judaico de morte (Rabi Maurice Lamm³⁸).

Para o judeu existem qualidades específicas de demonstrar reverência pelo homem e respeito aos mortos.

³⁶ Segundo Leite (2013), ele assegura ser esta afirmação segundo dados por ele recolhidos aos quais não tivemos acesso, apesar de diversas insistências.

³⁷ Extraído do Trabalho Científico apresentado no ISE, Isa Lima Fernandes, Aldeia de Sinagoga em Santo Antão. Formação de uma sociedade em desenvolvimento social e cultural, ISE, Praia, 2005, p. 15. Ainda salienta não existirem dados que comprovam, além dos relatos transmitidos por pessoas antigas, sobre a existência dos cultos ou da passagem de judeus na aldeia contudo, afirma estar convicta que o nome não é inocente.

³⁸ Extraído das páginas Web http://www.chabad.org.br/ciclodavida/Falecimento_luto/artigos/maneira.html e http://www.snpcultura.org/vol_rituais_funebres_judaismo.html acedidos a 28 de Novembro de 2013. A palavra Rabi no judaísmo significa Sacerdote.

Os judeus são contra a cremação dos corpos, o embalsamento, repugnam a mutilação e banem a necromancia³⁹. Para eles deve-se proceder ao enterro dos mortos sem delongas, vêem este mandamento como uma linha fina e clara de reverência e veneração pelos mortos.

Todos os corpos são preparados ao estilo judaico. “Assim como veio ao mundo, ele deve ir”, Cohêlet⁴⁰. Assim, como entramos nesse mundo somos lavados, limpidos, também aquele que parte deve ser limpo e purificado através do ritual religioso chamado de Taharat, purificação. Recitam também as preces apropriadas exigidas, e rezam para garantir o concedimento por parte do todo superior, a paz eterna ao falecido.

Todos, segundo a tradição judaica, são enterrados da mesma forma, porque para os judeus todos são iguais aos olhos de Deus, não existe rico ou pobre na morte, são enterrados no mesmo tipo de veste, uma mortalha branca e simples feita à mão. Isto foi instituído para que os pobres não ficassem envergonhados e os ricos não exibissem os custos das suas vestes do funeral.

A lei judaica é inequívoca ao estabelecer de maneira absoluta que os mortos devem ser enterrados na terra, “Pois do pó vieste, e ao pó retornarás” (Bereshit 3:19).

Antigamente, para disfarçar o odor dos defuntos ou corpos em decomposição eram colocadas flores ou especiarias perfumadas nos funerais, actualmente esta prática é considerada um ritual não judaico, basicamente de funerais cristãos.

São muitos os costumes usados por outras religiões, mas no judaísmo por exemplo, é melhor fazer uma contribuição a uma Sinagoga ou hospital, ou até mesmo a uma associação de pesquisa médica para a doença que afligiu o falecido

³⁹ Ou nigromancia é um termo que advém do Grego: “morte” e “adivinhação” (mancia). Pode ser interpretada como prática religiosa de se comunicar com os espíritos dos mortos para obter informações do passado, do futuro ou da pós-vida. Mas informação em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Necromancia> acedido a 27 de Fevereiro de 2014.

⁴⁰ Palavra Hebraica da Torah ou Torá (ou Lei ou Livro) e significa Eclesiastes, terá melhor entendimento pesquisando mais em <http://www.matutando.com/por-que-jesus-nao-e-o-messias-judeu>

do que homenageá-lo com festas e todos os outros conceitos utilizados em homenagens.

Um facto muito interessante para quem não conhece os costumes judaicos, é que é considerada a expressão mais notável de dor no judaísmo, quando o enlutado rasga as suas próprias vestes antes do funeral, e isto só pode ser desempenhado pelo filho, filha, pai, mãe, irmã e cônjuge.

Quando um membro da família Cohen morre, no cemitério, o falecido é enterrado próximo dos portões do cemitério, para que seus parentes não se profanem caminhando perto de outros túmulos. A presença de um corpo morto é considerada uma fonte de impureza ritual. Por este motivo, um Cohen não pode permanecer na presença de um cadáver, fazer visitas ou ir a enterro no cemitério, a menos que seja o enterro dos seus pais.

Utiliza-se um caixão de madeira, o mínimo de madeira possível e a mortalha, para que o falecido fique o mais próximo do solo. Não se deve passar as pás de uma pessoa a outra ou de mão em mão, para demonstrar que não se passa tristezas as outras pessoas: pousa-se a pá e esta então é apanhada do chão. É proibido usar passagens entre os túmulos como atalhos e é importante que homens e mulheres não se misturem durante a procissão fúnebre.

São esses e muitos outros usos, costumes, rituais e/ou crenças que diferenciam o judaísmo das outras religiões que conhecemos, por isso ao chegar a um cemitério judeu, é comum ver os sepulcros cobertos de pequenas pedrinhas. Isto é uma forma judaica de prestar homenagem ao falecido.

As condolências no judaísmo só são apresentadas depois do sepultamento e em casa e só podem ser feita durante os sete dias. Não se deve cumprimentar os enlutados, já que palavras não podem expressar adequadamente os profundos pêsames, o visitante não deve iniciar conversa com os enlutados, aguardando que estes o façam.

Também não adoptam a cor preta, devendo os visitantes trajar de cores sóbrias, e com a cabeça coberta com um kipá ou até lenço⁴¹.

⁴¹ Ver algumas fotos ilustrando as Crenças e Rituais Judaicas, nos Anexos, p. 97.

Capítulo 5. Propostas de Revitalização

*“Os pequenos actos que se executam são melhores
que todos os grandes que se planeiam”.*

Marshall

Numa altura em que se discute sobre planos directórios dos municípios, desenvolvimentos estratégicos, e sobre o turismo como um sector emergente da economia local e nacional torna-se premente reconhecer e valorizar os atractivos patrimoniais existentes numa perspectiva de qualificação e diferenciação da oferta turística.

Não seria viável citar propostas ou ideias de conservação, preservação ou revitalização sem a consciência do elevado potencial da cidade da Ponta do Sol. Portanto, depois de uma pesquisa e levantamento de dados e bibliografia, podemos dizer estar aptos para fazer algumas propostas.

Cientes de que poderão ser criados projectos, que possam vir a revitalizar ou reabilitar não só os patrimónios edificados em si como também a cidade, tais projectos realizados tendo em conta a sustentabilidade e a integração social podem vir a beneficiar a população como a cidade a nível sociocultural e económico.

Todo este potencial visa estimular mais o turismo, tanto cultural como urbano, que sem dúvida vai levar a uma progressão, melhorando a qualidade de vida da população local, como também o resgate cultural e social, valorizando-o, divulgando-o e conservando-o com um fim último o desenvolvimento da cidade da Ponta do Sol.

É neste sentido e com esses objectivos já projectados, que de seguida vamos delinear algumas propostas culturais e turísticas, que pensamos ir ao encontro da preservação e revitalização dos patrimónios edificados, assim como a sustentabilidade sociocultural e económica, visando o desenvolvimento e elevando a diferenciação e dinamização do turismo na cidade.

Tabela 1 - Propostas de Revitalização dos Edifícios - Conjunto I

| Bens Patrimoniais | Propostas de Utilização | Objectivo | Actividades |
|----------------------------------|--|--|---|
| <p>Casa Abrão Brigham</p> | <p>Museu Judaico/Pesca</p> | <p>-Resgate, valorização e preservação da história e cultura da cidade;</p> <p>-Apoio em duas vertentes, Turismo e Sector da Pesca;</p> <p>-Resgate e valorização de métodos/técnicas antigas de pesca;</p> <p>-Conhecimento da crosta oceânica e espécies da região;</p> <p>-Criar consciência crítica de preservação e utilização em termo de cultura e ambiente aquático;</p> <p>-Criar noções de museologia.</p> | <p>-Exposição da história judaica/documentos/fotos/testemunhos/vídeos/artefactos, que comprovam a presença dos mesmos na história da cidade;</p> <p>-Exposição de artefactos e utensílios de pesca/fotos antigas/vídeos e alguma história do pescador de Lajedos;</p> <p>-Formações e divulgações de técnicas e métodos de pesca e preservação de espécies, também sobre biologia e ecologia aquática;</p> <p>-Ponto de informação e formação tanto para turistas como para o pescador ou pessoa comum.</p> |
| <p>Casa Cohen</p> | <p>-Boutique Hotel de Luxo⁴² ou Residencial de Luxo e Espaço comercial</p> | <p>- Manter os traços da fachada na sua forma original;</p> <p>-Demonstrar os traços da arquitectura, da época, conjugando o antigo com o moderno;</p> <p>-Hospedagem dos visitantes;</p> <p>-Integração e interacção com a cultura local e os serviços típicos do judeu;</p> <p>-Recuperação e Revitalização do Património.</p> <p>-Comercialização de artigos e artefactos de valor histórico/judaico e exposição de livros/artigos, de forma a estimular a antiga movimentação do edifício.</p> | <p>-Alojamento e Restauração;</p> <p>-Promoção do Hotel com Descrições detalhadas da história, e visitas guiadas pelo edifício;</p> <p>-Venda de Quartos/Suites com modelos ao estilo da vivência antiga;</p> <p>-Exposições de fotos/quadros retratando a história das antigas famílias/da rua direita e sua antiga movimentação/da antiga vila e da casa.</p> |

⁴² Ver fotos em Anexo, p.98, como exemplo a seguir.

| | | | |
|--------------------------|--|--|--|
| Casa Néne Brigham | <ul style="list-style-type: none"> -Agência de Viagem -Centro de informação turístico. | <ul style="list-style-type: none"> -Ter na cidade uma agência preparada para este tipo de turismo e turista; -Passar toda a informação precisa e necessária; -Promover a cidade ao mundo; -Criar novos pacotes para a diferenciação do turismo na cidade/ilha. | <ul style="list-style-type: none"> - Fazer reservas; -Criar blogues e sites sobre este tipo de turismo promovendo o destino; -Formar Guias especializados; -Dar assistência turística: Mapas, Rotas, roteiros, Fotos, etc.; -Promover e desenvolver roteiros e rotas. |
| Casa Vitória | Restaurante | <ul style="list-style-type: none"> -Diferenciação da Gastronomia Local; -Atrair um novo tipo de turista; -criar noites e menus diferentes como forma de cativar o turista e o local dinamizando as escolhas; | <ul style="list-style-type: none"> -Venda e degustação de Pratos e Bebidas judaicos; -Promover noites de Música tanto Judaico como tradicional; |

Tabela 2 - Propostas de Revitalização das Ruas – Conjunto II

| Bens Patrimoniais | Propostas de Utilização | Objectivo | Actividades |
|--------------------------|--|--|--|
| Rua Direita | <ul style="list-style-type: none"> -Elevação a Património Municipal -Pedonal | <ul style="list-style-type: none"> -Preservar toda a historia; -Descongestionamento da via para uma maior circulação de turistas e nacionais -Transformar na sala de exposição da cidade; | <ul style="list-style-type: none"> -Criar acentos com sombreiros, e colocação de arbustos preparados para o tipo de via; -Disponibilizar ao longo da via, estátuas em tamanho real com a devida descrição de alguns personagens da cidade como também de alguns judeus e pescadores; -Iluminação apropriada e placas descritivas em todos os bens patrimoniais; |
| Bairro Casinhas | <ul style="list-style-type: none"> -Placa descritiva -Réplica em Miniatura | <ul style="list-style-type: none"> -Demonstrar a importância do bairro na altura; -Preservar toda a sua história e arquitectura; -Deixar uma herança histórica às gerações vindouras. | <ul style="list-style-type: none"> -Fazer uma réplica de uma das casa em plena avenida com toda a descrição; -Fazer a réplica do bairro em miniatura para exposição no Museu; -Recuperação e exposição de fotos do antigo bairro. |

Tabela 3 - Propostas de Revitalização dos Cemitérios - Conjunto III

| Bens Patrimoniais | Propostas de Utilização | Objectivo | Actividades |
|---|---|---|--|
| Cemitério da Penha de França/ Ponta do Sol | Remodelação com praça em frente aos cemitérios | <p>-Dar um ar de novo e preservar toda a construção;</p> <p>-Preservar os túmulos e todo o pavimento.</p> <p>-Tornar possível o acesso a qualquer hora e por qualquer pessoa;</p> | <p>-Criar praça em frente aos cemitérios como antecâmara e zona de descanso;</p> <p>-Clara sinalização e iluminação chamativa;</p> <p>-Dar devida atenção as vias de acesso aos cemitérios e criar vias pavimentadas;</p> <p>-Vegetação típica, arbusto como sugestão oliveiras.</p> |
| Ruínas da Sinagoga | Hotel de Luxo⁴³ | -Preservar as ruínas devido à sua história. | <p>-Criar um hotel mesmo em cima das ruínas;</p> <p>-Exposições e visitas às ruínas.</p> |

5 Sugestões, Recomendações

Tabela 4 - Sugestões/Recomendações para as Propostas - Conjunto IV

| Propostas para a Rua Direita e outros. | |
|---|---|
| Pedonal⁴⁴ | Deve-se fechar a rua desde o largo em frente a Câmara até a zona de Lajedos, deixando acessos nos cruzamentos para carga e descarga de veículos se necessário, criar uma iluminação própria para as casas, e uma vegetação com pequenos arbustos em forma de sombreiro. Dispor ao longo da avenida bancadas para descanso, e estatuas em tamanho real (homenageando entidades importantes da cidade), ao longo da mesma em diversas posições dando a sensação da antiga realidade da rua. |
| Living Story | Criar teatros de rua encenando toda a vivência histórica da cidade no séc. XIX e XX, levando os turistas, os jovens e a população em geral e reviver o passado. |

⁴³ Ver como exemplo a Câmara Municipal de Évora em Portugal, foto em Anexo, p.98.

⁴⁴ Ver como exemplo A Pedonal em Lisboa com a estátua de Fernando Pessoa em tamanho real. Anexo, p.98.

| | |
|---------------------------------------|---|
| | <p>Também servirá como forma de entretenimento local e para grupos de turistas.</p> <p>Exibir filmes ou documentários da história judaica em que os próprios patrimónios sirvam como tela.</p> |
| Nigth Live | <p>Criar vida na rua e na cidade de forma que seja admirada tanto de dia como a noite, levando até uma sã competição entre restaurantes e bares ou até mesmo discotecas, criando formas de despertar o espírito de inovação nos proprietários, como por exemplo, atribuindo prémios ou bónus aos mais inovadores ou empreendedores.</p> |
| Arquitectura/Fachadas | <p>Manter a arquitectura e principalmente as características das antigas fachadas preservadas e inalteráveis, e as futuras construções na rua ou nas proximidades devem seguir os traços das antigas fachadas ou das preservadas</p> |
| Sinalização | <p>Cada património terá a sua terá uma placa descritiva com - nome da casa; proprietário; data de construção; referência histórica; breve trecho da sua história. Tudo como forma de dar a conhecer a história e criar consciência de Reconhecimento e preservação. A sinalização será uniforme, e será disponibilizado tanto nos patrimónios como nos acessos aos mesmos, de forma a dar a devida orientação e boa informação.</p> |
| Fios | <p>Deve-se eliminar todos os cabos, fios ou tubulações que obstruam as fachadas das construções. Todas as caixas de eléctricas como também os contadores deverão ser o máximo de discretos, assim como o ar condicionado, de forma a não ficarem visíveis no frontispício. O mesmo seria para a instalação de antenas e parabólicas.</p> |
| Caminhos vicinais⁴⁵ | <p>No caso dos acessos aos cemitérios e as ruínas de Sinagoga deve-se melhorar com calçadas, sinalização e importante a iluminação de forma a ser possível visitar os mesmos por qualquer pessoa e a qualquer hora.</p> |
| Telhados | <p>Todos os edifícios devem ter na parte da fachada principal coberturas de telha avermelhadas ou alaranjadas, em dois ou quatro águas de forma a manter a arquitectura característica da rua e isso não impedirá as construções de terem o terraço.</p> |
| Ruínas | <p>Fazer estudos mais aprofundados de forma a manter as ruínas intactas mesmo que haja projectos de construção de Resort⁴⁶, de forma a contribuir para a preservação do legado histórico destas ruínas e como mais-valia para o Resort ou hotel ali poderá ser construído</p> |

⁴⁵ Ver ilustração dos Caminhos Vicinais e acesso aos cemitérios, nos Anexos p.99.

⁴⁶ Ver ilustração de um projecto para a Gafaria na Sinagoga em Anexos, p.99.

No Geral

Estudar políticas e legislações urbanas que estão correlacionadas com projectos de revitalização e preservação de áreas centrais;

Avaliar o impacto do crescimento urbano da Ponta do Sol sobre o património edificado existente;

Avaliar a potencialidade das edificações históricas e integrá-las num projecto de revitalização;

Realizar um levantamento exaustivo de todo o legado histórico/arquitectónico;

Criar parcerias e flexibilidades legais para o desenvolvimento de projectos de revitalização das edificações históricas.

Recomenda-se às autoridades que estabeleçam um compromisso perante as questões de sustentabilidade e de envolvimento da população nos processos de planeamento e de tomada de decisão sobre a actividade turística. Assim como mecanismos de desenvolvimento de acções de sensibilização e de informação sobre o que está a ser feito e o que se pretende fazer.

5.1 Proposta de Itinerário/Roteiro

Como proposta de Roteiros, propomos dois roteiros, de forma que o turista tenha de permanecer mais de uma noite no local, utilizando assim os estabelecimentos turísticos, e contribuindo para a economia local. Em que, dependendo da estadia do turista, como também do motivo do mesmo para visitar, possa se interessar em conhecer toda a herança judaica. Também será feito pensando na comunidade local, em participar e conhecer melhor a história da sua cidade.

▪ Culto e Morte (Sinagoga e Cemitérios):

Horários: Escolha do cliente, tanto pode ser na chegada como na partida da ilha.

Marcação de vistas: Através de correio electrónico, telefone, fax, ou no promotor.

Tempo Estimado: 6 horas com almoço incluído e deslocações entre as localidades.

Etapas do percurso: Ao chegar: Porto Novo – Ruínas de Sinagoga – Cemitério de Penha de França – Estabelecimento Hoteleiro – Cemitério da Ponta do Sol.

Ao partir: Estabelecimento Hoteleiro – Cemitério da Ponta do Sol – Cemitério de Penha de França – Ruínas de Sinagoga – Porto Novo.

Alojamento: Casa Cohen – Ruínas de Sinagoga – Hotel Blue Bell.

Restauração: Casa Vitória – Restaurante Vony – Restaurante Carmelita.

Actividades complementares: Musica, *Living story*, *Nith live*, Exposições, Sessões de Fotográficas, passeios descontraídos, bonito panorama do pôr de sol.

Observações: Estando na cidade se o cliente quiser conhecer os outros Patrimónios poderá fazê-lo sem problema algum com ou sem guia desde que todos os patrimónios estejam muito bem sinalizados e com as respectivas placas descritivas.

- ***N kel temp de judeu (No tempo dos judeus):***

Horários: 9h00 e 15h00

Marcação de vistas: Através de correio electrónico, telefone, fax, ou no promotor.

Tempo Estimado: pode ser o dia inteiro.

Etapas do percurso: Boca de Pistola – Casa Abrão Brigham – Casa Cohen – Casa Vitória – Casa Nené Brigham – Zona da antiga Casinhas – Cemitério Judeu.

Alojamento: Casa Cohen – Ruínas de Sinagoga – Hotel Blue Bell

Restauração: Casa Vitória – Restaurante Vony – Restaurante Carmelita.

Actividades complementares: Musica, *Living Story*, *Nith Live*, Exposições, Sessões de Fotográficas, passeios descontraídos, bonito panorama do Pôr de sol.

Observações: Apesar de ter citado somente estes alojamentos e restaurantes o cliente dispõe de muitos outros pela cidade como, Residencial Ponta do Sol, Residencial A beira-mar, Hotel Kolina do Sol, e muitos outros. Também poderá usufruir da gastronomia local, como também outras paisagens como o caso da pequena aldeia de Fontainhas, um dos cartões postais da ilha. Também para além de demonstrar toda a história da cidade assim como era no tempo dos judeus, recomenda-se visitas ao interior dos Patrimónios.

Conclusões

Nada há como começar para ver como é árduo concluir.
Victor Hugo

Por ser o turismo um sector multidisciplinar, este acarreta consigo relações com outros sectores, onde se formos falar da relação entre o turismo e a cultura esta é profunda e tem um duplo sentido: turismo como acto cultural e forma de cultura e turismo cultural como meio de permitir ao homem o acesso a formas de expressão cultural.

A religião e a cultura sempre estiveram ligadas, os limites entre o sagrado e o profano, embora possam ser definidos, estão muito próximos, perante este fato torna-se importante abordar a relação entre o turismo cultural e o turismo religioso, e é nessa perspectiva que desenvolvemos este estudo no sentido de unir dois conceitos num produto.

Na nossa óptica, o turismo cultural e religioso constituem um único produto no sentido em que, uma viagem por motivos unicamente religiosos não se consegue desprender dos interesses culturais inerentes.

Pensamos em estudar este tema devido a uma preocupação de buscar novas alternativas de preservação e revitalização dos patrimónios assim como do legado cultural e religioso, ou até mesmo da história da ilha, tendo como ponto de partida a presença judaica na ilha de Santo Antão, mas concretamente na cidade da Ponta do Sol.

De salientar que anos atrás na cidade constavam alguns edifícios de traço colonial português que fruto da especulação imobiliária, e carência de políticas coerentes, vieram a dar lugar a novos empreendimentos modernos, que apostaram em tipologias estrangeiras que vêm descaracterizando o tecido construído, casas como⁴⁷:

⁴⁷ Ver fotos no Apêndice, p.96.

- Casa Tambla - Antiga Residência da Dona Constância Salgado, pertencente ao Sr. Abrão Brigham;
- Casa do Sr. Germano - Antiga Residência pertencente ao Sr. Abrão Brigham;
- Casa do Sr. Antoninho - Antiga Residência do Sr. Isaac Pinto;
- A avenida N^a S^a do Livramento antigo Bairro de Casinhas que foi transferido para a zona atrás do Estádio de Futebol da cidade.

O presente trabalho constitui uma tentativa de alertar as autoridades e os agentes turísticos assim como a população em geral, do potencial turístico da cidade em termos de turismo religioso, nomeadamente o turismo judaico. Se formos ver a questão de todo o Património edificado e todo o legado histórico da presença dos judeus na cidade/ilha, com a sua devida preservação, revitalização, legislação e consciencialização, este poderá vir a ser uma diferenciação do produto turístico, como também um sector emergente da economia da ilha.

Neste contexto para melhor conhecer o legado deixado foi realizado um levantamento da presença judaica na cidade e na ilha de Santo Antão, e constatando ter uma forte presença dos judeus devido a circunstâncias históricas, tornando relevante todo o património judaico da cidade /ilha, nomeadamente os edifícios da Rua Direita, a possível Sinagoga e destacando os cemitérios por serem o legado mais directo e mais credível que dispomos dos judeus.

Por ser um tema actual, houve a necessidade de se fazer pesquisas do tipo exploratória e descritiva e recorrer a entrevistas e observação directa, como forma de dar resposta à pergunta de partida.

Analizou-se e interpretou-se várias opiniões e percepções dos residentes em relação à contribuição para o desenvolvimento da antiga vila e da ilha para os que conheciam melhor a história dos judeus, e foi quase unânime a resposta dos entrevistados que dizem sempre em estas palavras “se Ponta de Sol é o que é hoje deve-se aos judeus”. Assim ficou-nos claro que a passagem judaica na

cidade ou ilha foi uma poderosa alavanca de desenvolvimento, e ainda reforçado na entrevista feita ao Sr. Leite onde ele nos diz sublinhando as palavras que “os judeus deram um grande *input* à antiga vila”. Assim, conseguiu-se responder à pergunta: Até que ponto os vestígios da presença judaica em Santo Antão poderão ser condicionantes no processo de desenvolvimento turístico da ilha?

Depois de uma pesquisa minuciosa ficamos munidos de bagagem para citar algumas propostas e recomendações que pensamos ser de extrema importância no sentido de trazer vida aos patrimónios e devolver todo o dinamismo da antiga vila, tais como:

- Proposta de Revitalização dos Edifícios;
- Propostas de Revitalização das Ruas;
- Propostas de Revitalização dos Cemitérios e da Sinagoga;
- Sugestões e Recomendações de acordo com as propostas acima citadas.

Como forma de levar o turista e o local a conhecer e desfrutar todo a herança histórico judaico da cidade/ilha, foram ainda propostas duas Rotas:

- Culto e Morte;
- *Ne kel temp de judeu.*

Após todo esse percurso podemos dizer até com convicção que todos os objectivos estabelecidos anteriormente foram atingidos, tendo em conta todo o levantamento histórico e patrimonial da presença judaica, assim como pensamos ser pertinentes as propostas e/ou linhas orientadoras para o desenvolvimento da ilha/cidade.

Dificuldades e Limitações

Durante a elaboração deste trabalho deparamo-nos com alguns obstáculos e restrições que tornaram o trabalho um tanto difícil mas não impediram a sua materialização.

- Literatura escassa e/ou quase inexistência na ilha, assim como dificuldade no acesso a pouca bibliografia disponível;
- Demora no fornecimento de alguns documentos e informações por parte de entidades públicas;
- Arquivo da CMRG muito deteriorado e mal estruturado, assim como falta de pessoal capacitado para ceder informações e/ou ajuda no arquivo;
- Dificuldade de deslocação na ilha de Santo Antão e entre as ilhas de São Vicente – Santo Antão, para recolha de dados e aplicação de entrevistas, por falta de recursos financeiros;
- Dificuldade em conciliar a agenda de alguns entrevistados para a recolha de dados;

Queríamos destacar uma outra dificuldade que condiciona e muito a elaboração de estudos do género que seria a falta de arquivos históricos e estudos, como também um arquivo nacional bem organizado e bem apetrechado, e pelo facto de alguns documentos importantes da nossa história estarem em mãos de privados e que poderão servir de apoio ou suporte para o incremento da actividade e de projectos turísticos e de áreas afins.

O presente trabalho pode ser considerado um *input* no desenvolvimento da cidade de Ponta do Sol, aprofundando o tema de uma forma mais abrangente, certo de que ficaram questões por responder e até mesmo por abordar, visto ser um tema novo, mas ciente de que construirão objectos de estudo e análise para futuras investigações que contribuirão para o incremento de estratégias de

desenvolvimento tendo em vista a diferenciação ou o *empowerment* do turismo na cidade/ilha, como também a nível nacional.

Explorar este tema nos colocou a frente novas ideias ou sugestões que futuramente poderão vir a servir de objecto de investigação tais como:

- Elaboração deste tipo de estudo a nível nacional;
- Estudos sobre o levantamento de documentos e arquivos fotográficos e outros, a nível do património judaico;
- Estudos sobre a criação e o desenvolvimento do turismo judaico a nível regional e nacional.

Conscientes de que torna-se necessário a elaboração de estudos mais aprofundados nesse ramo para que possamos vir a ter um turismo e um desenvolvimento sustentável no país.

Referencias Bibliográficas

Livros e Artigos.

Angelo, E. e Corner, D. (2007). XXIV Simpósio Nacional de História. A Festa do Divino Espírito Santo na Vila Carrão em São Paulo na Contemporaneidade: Espaço, Identidade e Memória dos Açorianos. Associação Nacional de Historia – ANPUH.

Arnt, L. (2006). Peregrinação x Turismo Religioso: Um Estudo de caso no Santuário de Azambuja – Brusque, Balneário Camboriú – SC, Pós-Graduação, UNIVALI.

Azevedo, J. (2004). As humanidades no contexto da Pós-Graduação Brasileira. Recife.

Baptista, M. (1990). O turismo na economia. Lisboa: Instituto Nacional de Formação Turística.

Barreto, M. (1999). Métodos e Técnicas de Investigação em Gestão. (1ª Ed.), Lisboa. Edições Sílabo, Lda.

Barreto, M. (2000). Turismo e Legado Cultural. Campinas, SP: Papyrus.

Burgess, R. (1997). Pesquisa de Terreno: Uma Introdução. Celta Editor Lda. Portugal.

Cardoso, Pedro, “A cultura precisa ter pés para andar” in A Semana, 1 de Agosto de 2013.

Careto, H e Lima, S. (2006). Turismo e Desenvolvimento Sustentável – 1: Portugal; edição GEOTA, MEDForum e EcoMediterrània, GRAFICAMPO – Artes Gráficas, Lda.

Choay, F. (2006). A alegoria do património. São Paulo, Ed. Unesp.

- Clark, M., Michael, R., Ella, W. e Roy, C. (1998): *Research and Writing Dissertations in Hospitality and Tourism*, London, International Thomson Business Press.
- Coelho, G. e Valva, M. (2005). *Património cultural edificado*. (2ª Ed.) Goiânia: Editora da UCG.
- Cunha, L. (1997). *Economia e Política do Turismo*. Editora McGRAW-HILL de Portugal, Lda.
- Cunha, L. (2009). *Introdução ao Turismo*, (4ª Ed.). Lisboa – São Paulo: MC
- Denker, A. (2000). *Métodos e técnicas de pesquisas em turismo*. (4ª ed.) São Paulo: Futura.
- Fernandes, I. (2005). *Aldeia de Sinagoga em Santo Antão. Formação de uma sociedade em desenvolvimento social e cultural*, ISE, Praia, p. 15.
- Ferreira, V. (2010) *Património Cultural e Natural: livro didáctico; design institucional* Carmen Maria C. P. – Palhoça: UnisuVirtual.
- Ferro, M. e Haydée, F. (1998). *Subsídios para a história da ilha de Santo Antão de Cabo Verde (1462 – 1900)*, Praia, Edição Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco.
- Figueira, L. (2010). *Manual para Elaboração de Roteiros de Turismo Cultural*. Cespoga.ipt-Instituto Politécnico de Tomar;
- Figueiras et al (2010). “Atractivos, Circuitos, Itinerários e Rotas em turismo no território Ribatejano: apresentação de caso.” 2º ENCONTRO EUROPEU DE TURISMO EQUESTRE- Organização: Divisão de Intervenção Social- Câmara Municipal da Golegã, Equuspolis- auditório Eng. Ricardo Magalhães Golegã

- Gastal, S. (Org.), (2000). Turismo & Cultura: por uma relação sem diletantismos in Turismo: 9 propostas para um saber-fazer, Porto Alegre, EDIPUCRS-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Gonçalves, J. (1996). A retórica da perda: Os discursos do património cultural no Brasil, Rio de Janeiro, UFRJ.
- Henriques, C. (2003). Turismo, Cidade e Cultura Planeamento e Gestão Sustentável. Lisboa. (Edição Sílabo, Lda.).
- Kasper, C. (1989). "Recent Developments in Tourism Research and Education at the University Level". In Stephen F. Witt e Luiz Moutinho: Tourism Marketing Management Handbook. Cambridge, Prentice Hall International.
- Lakatos, M. e Marconi, A. (2001). Metodologia do Trabalho Científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projecto e relatório, publicações e trabalhos científicos. (6ª Ed.) – São Paulo: Atlas
- Lakatos, M. e Marconi, A. (2003). Fundamentos de Metodologia Científica: (5ª Ed.) – São Paulo: Ed. Atlas S.A.
- Lakatos, M. e Marconi, A. (2007). Fundamento de Metodologia Científica. (7ª Ed.) – São Paulo: Atlas
- Leiper, N. (1979). The Framework of Tourism: Towards a definition of Tourism and tourist Industry. Annals of Tourism Research. Vol. 6, Nº 1.
- Lima, S. e Careto, H. (2007): Turismo e Desenvolvimento Sustentável – 2. Lisboa, GEOTA.
- Lopes Filho, J. (1983). Contribuição para o estudo da Cultura Cabo-verdiana. Lisboa. Ulmeiro.

- Lopes, A. (2012). Monografia de Licenciatura em Turismo, Revitalização dos Patrimónios Arquitectónicos da cidade da Ponta do Sol – Uma Proposta. Cabo Verde, ISCEE.
- Macena, L. (2003). Festas, Danças, e Folguedos: Elementos de Identidade Local, Património Imaterial do nosso Povo. In C. Martins, Turismo, Cultura e Identidade (pp. 64-76). São Paulo: Roca.
- Malheiros, A. (2012). Tese de Mestrado em Marketing e Promoção Turística, Presença Judaica em Belmonte: Assunção Identitária Local - Contributos e Constrangimentos para uma Oferta Turística Integrada, Portugal, IPL.
- Martins, A. (2011). Tese de Mestrado em Património e Desenvolvimento, Legislação sobre a defesa do Património em Cabo Verde (1975-2005), Praia, UNICV.
- Moniz, A. (2006). *A Sustentabilidade do turismo em ilhas de pequena dimensão: O caso dos Açores*. Ponta Delgada: Doutoramento em Ciências Económicas e Empresariais, Universidade dos Açores.
- Monteiro, J. (2009). Relatório de Estágio Realizado na Direcção Regional da Cultura de Lisboa e Vale do Tejo, Évora, Mestrado em Gestão e valorização do Património Histórico e Cultural. Universidade de Évora.
- Neves, B. (2003). Património Cultural e Identidades. In C. Martins, Turismo, Cultura e Identidade. São Paulo: Roca.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. (2005). Manual de investigação em ciências sociais. Trajectos, (5^o edição). Lisboa.
- Reisinger, Y. PhD (2009). *International Tourism: Cultures and Behavior, first edition, Elsevier Ltd.*
- Rocha, A. (1990). Subsídios para a história da Ilha de Santo Antão – 1462-1983- Praia. Edição do Autor.

Rodrigues, M. (1989). “Em defesa do Património Cultural”, in Voz Di Povo, 11 de Maio.

Sarmiento, M. (2008). Guia Prático sobre a Metodologia Científica para a elaboração, escrita e apresentação de Teses de Doutoramento, Dissertação de Mestrado e Trabalhos de investigação aplicada, 2ª Edição, Universidade Lusíadas, Lisboa.

Serels, M. (1997). Jews of Cape Verde: A brief history, Ed. Sepher-Hermon Press, Inc. Broklyn, NY.

Sharpley, R. e Telfer, D. (2004). Tourism and development: concepts and issues. Clevedon: Chanel View Publication.

Tavares, E. (2007). Tambaú: Memória e Turismo Religioso, Campinas, Tese de Mestrado, CEATEC.

Vilelas, J. (2009). Investigação – O Processo de Construção do Conhecimento. Lisboa. (Edição Sílabo, Lda.).

Vitae Civilis e WWF- Brasil, (2003). Sociedade e ecoturismo: na trilha do desenvolvimento sustentável: Como diferentes atores sociais podem, de forma participativa, elaborar planos estratégicos de conservação e geração de renda. O caso do ecoturismo do vale do Ribeira na Mata Atlântica; São Paulo: Peirópolis.

Documentos Legais.

BO nº6 de 9 de Fevereiro de 1901, consultado no Arquivo da CMRG, em 27 de Setembro de 2013.

Carta de Atenas (1931). Adaptado no Iº Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos, Atenas.

Carta de Veneza (1964), IIº Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos, Veneza.

Carta Internacional sobre o Turismo Cultural (1999). 12º Congresso Internacional. A Gestão do Turismo nos lugares com Patrimónios Significativos. Adoptado por ICOMOS. México.

Decreto nº31/90 de 5 de Maio -“Aprova o Protocolo de Cooperação entre a República Portuguesa e a República de Cabo Verde para a Recuperação de Cidade Velha de Cabo Verde”, in Boletim Oficial nº 18, de 5 de Maio de 1990, I Série.

Decreto-Lei nº 45/75 de 24 de Maio -“Cria a Comissão de Investigação e Divulgação Cultural”, in Boletim Oficial nº 21, de 24 de Maio de 1975, I Série.

Decreto-Lei nº 53/99 de 23 de Agosto – “Orgânica do Ministério da Cultura (MC) ”, in Boletim Oficial nº 30, de 23 de Agosto de 1999, I Série.

Decreto-Lei nº 99-A/90, de 27 de Outubro, -“Cria no âmbito do Ministério da Informação, Cultura e Desportos o Instituto Nacional da Cultura e publica os respectivos Estatutos”, in Suplemento ao Boletim Oficial da República de Cabo Verde nº 43, de 27 de Outubro de 1990, I Série.

Decreto-Lei nº2/2003 de 24 de Fevereiro -“ Diploma orgânico do Ministério da Cultura e Desportos (M.E.D) com as suas atribuições”, in Boletim Oficial nº 5, de 24 de Fevereiro de 2003, I Série.

Lei nº102/III/90 de 29 de Dezembro - “ Define a preservação, defesa e valorização do património cultural cabo-verdiano”, in Suplemento ao Boletim Oficial da República de Cabo Verde nº 52, de 29 de Dezembro de 1990, I Série.

OMT. (1985). VI Assembleia Geral – Carta do Turismo e Código do Turista. Bulgária.

UNESCO (1992) - O que é a protecção do património mundial, cultural e nacional, Lisboa, Comissão Nacional da UNESCO.

UNESCO (2003). Convention For The Safeguarding of Intangible Cultural Heritage.

Documentos On-line.

Dias, A. (2005). A reutilização do património edificado como mecanismo de protecção: uma proposta para os conjuntos tombados de Florianópolis. Florianópolis Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC Centro Tecnológico, retirado em http://soniaa.arq.prof.ufsc.br/sonia/Mestrados_Defendidos/Adriana_Fabre_Dias/mestrado_adriana/Dissertacao.pdf

Silvia e Oliveira, C. (2006). Revitalização e Preservação do Património Arquitectónico e Urbanístico do Centro de Goiânia, Goiânia, Mestrado e Profissional em Gestão do Património Cultural. Universidade Católica de Goiás. Pdf, retirado em <http://www.ufpel.edu.br/ich/ppgmp/vo3-01/wp-content/uploads/2013/07/SANTOS.Nadia.dissertcao2009.pdf> acessido a 7 de Novembro de 2013

DTS Consultores Ltda (2007) -*Turismo, Sostenibilidad, Proyectos, do Chile, apresenta o estudo "Identificación y puesta en valor de Rutas Turísticas para la región de Coquimbo"* em <http://teturcoquimbo.cl/pdfs/Informe-Rutas-turisticas.pdf>, acessido em 6 de Agosto de 2013.

Ferreiras, L., Aguiar, L. e Pinto, J. (2012). Turismo Cultural, Itinerários Turísticos e Impactos nos Destinos. Ano – 06 nº 02. Cultura, Revista de cultura e turismo. Retirado em www.uesc.br/revista/culturaeturismo

Silva, E. e Menezes, E. (2001). Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação. – (3ª. Edição). Rev. Actual. – Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da Universidade Federal de Santa Catarina. Pdf. Retirado em <http://pt.scribd.com/doc/2367267/DA-SILVA-MENEZES-2001-Metodologia-da-pesquisa-e-elaboracao-de-dissertacao> acessido a 17 de Setembro de 2013.

IGASPAR, Retirado em 25 de Outubro de 2013 em, <http://www.igespar.pt/patrimonio/itinerarios/alentejo>

Pérez, X. (2009). Turismo Cultural. Uma visão antropológica, nº2, *Colección Pasos* Editora, retirado em 14 de Agosto de 2013 em www.pasosonline.org

Rodrigues, L. (2012). “A Globalização e sua Influência no Turismo”. Retirado em no Portal Zé Moleza <http://www.zemoleza.com.br/carreiras/12529-a-globalizacao-e-sua-influencia-no-turismo.html> acedido a 7 de Agosto de 2013.

Entrevistas.

António Leite entrevista a partir de alguns encontros entre os meses de Julho a Dezembro de 2013.

Hermínio de França entrevistado no dia 26 de Agosto 2013.

Maria Amélia entrevistada no dia 2 de Setembro 2013.

Orlando Delgado entrevistado no dia 09 de Novembro 2010

Também foram feitas algumas outras entrevistas a algumas pessoas entre as duas cidades Ponta do Sol e Ribeira Grande.

Notas

As famílias (origens e continuação)⁴⁸.

Muitos foram os sobrenomes que somente passaram por Cabo Verde, assim como muitas foram as famílias que se enraizaram no país ou por outro lado deixaram um legado ou descendentes, em algumas das ilhas.

Dados revelam ser na maioria dos sobrenomes oriundos de Marrocos, Gibraltar, Tânger, mas com proveniências de outros povos ou línguas como Espanhol, Hebreu, Tetuan ou Árabe.

Sobrenomes como:

1 - Enumerar: Anahory

De origem Árabe-judaico, o prefixo “An” é árabe, e “Nahr” deriva do Hebreu que significa algo para ser iluminado. Este nome é normalmente encontrado em Tetuan e foi levado para Tânger e outras partes incluindo *Rabat-Sale* e Jerusalém.

Vários são os nomes sonantes em Cabo Verde com o apelido Anahory. Por exemplo:

- Salomão Anahory, filho de Moisés Anahory, que nasceu em Lisboa em 1838. Foi circuncidado em Gibraltar em 1840. Casou-se com Hannah Ignez Monteiro nascida na cidade da Praia em 1840. Morreu em Lisboa a 3 de Julho de 1920.

- Moisés Monteiro Anahory nasceu em 1871 em Santiago, Cabo Verde e morreu em Lisboa em 1889 aos 18 anos de idade. Era comerciante e morreu solitário.

- Rafael Simão Anahory, filho de Moisés Anahory nasceu em Santo Antão em 1847 e foi circuncidado em Lisboa aos 9 anos.

⁴⁸ Os nomes ou sobrenomes que são citados pelo autor Serels (1997), foram traduzidos alguns para o inglês, por isso pode haver erros nos nomes verdadeiros. E também pelo facto de serem nomes de origem árabe e judaico há alguns nomes de lugares e pessoas que não foi possível explicar.

2 - Athias (Attias)

Herdado do Árabe, é um velho sobrenome espanhol. Ysaque Attias foi um líder da comunidade judaica de Segóvia e foi o defensor dos judeus em 1479 da confiscação das suas propriedades pela coroa espanhola.

Moisés Attias deixou Tânger em 1798 e foi para Gibraltar onde se tornou um grande negociante, contribuindo em 1817 para a construção da Bolsa de Valores e o Parlamento local. Morreu ali em 1844, casou-se com Soltana em Marrocos e tiveram 10 filhos. A maioria das famílias Attias, de Gibraltar, Lisboa, Cabo Verde é descendente deste casal.

3 - Auday

Variação da palavra “judeu” em Hebreu. A mais famosa família é Rabbi Yahya Auday, fundadores da primeira Sinagoga em Tânger.

- Marcos Mordejay Auday nasceu em Tânger, mas morreu em 1901 em Cabo Verde. Ele era irmão de Moisés e Salomão. Em 1865, ajudou na compra do cemitério judaico de Lisboa. Casou-se com Simy Delmar em Gibraltar.

- Moisés Auday morreu na cidade da Praia em 1886.

- Salomão Auday nasceu em 1830 e morreu em 1894 em Ponta do Sol.

4 - Azancot

Provavelmente vem da variação do mundo Berbere, Azenkod, que significa gazela. Este sobrenome é claramente identificado com Tânger. Um dos mais notados foi Moisés Azancot, conhecido como Don Fernando Azancot. Raptado aos 9 anos, levado para Espanha, foi forçosamente baptizado, casou com *Lady* Carmen, no serviço a Rainha Isabel II. Foi para Marrocos em 1860, como parte da missão do tratado de negócio da guerra entre Espanha – Marrocos. Don Fernando Azancot depois visitou Marrocos onde ficou em 1875 como Vice-Cônsul de Espanha. Morreu em Casablanca.

- Elias Benefraim Azancot, filho de Jayme, nasceu em 1871 em Tânger. Viveu em Santo Antão mas morreu em Lisboa em 1927. Casou-se em Lisboa com Sara d’Abeasis Sabath.

5 - Benchimol

Ramificação da família *Beriro*, oriundos de Tânger e Gibraltar.

Moisés Salomão Benchimol nasceu em Tânger em 1810 e morreu em Lisboa em 1892. Casou-se com Leticia Benjo (Benjio), e tiveram 5 filhos. O único filho do casal Abraham Benchimol nasceu em Ponta Delgada, Açores, comprou propriedades em Angola e fez parte da firma de Isaac Zagury e Companhia. Em 1885 fixou-se em Cabo Verde. Regressou a Angola em 1892, onde abriu a Firma Benchimol e Sobrinhos. Morreu em Lisboa no ano 1906.

- Salomão Benchimol talvez outro filho de Moisés, teve um filho de nome José Salomão Benchimol nascido em 1904 em Santiago e morreu em 1961.

6 - Benoliel

Sobrenome hebreu para “o filho de Alal” o que pode significar “o filho de Abdalla”, servidor de deus, ou “Alil” filho do inválido. Esta família é originária de Tetuan, e mudou-se para Tânger e Gibraltar.

É o tipo de sobrenome mais sonante na ilha da Boa Vista com nomes como:

- Abraham Benoliel casado com Esther Benater, tiveram filhos como Leão Benoliel, Salomão Benoliel e Simão Benoliel, estes nascidos nos anos de 1864, 1876 e 1880.

Simão casou-se com Carolina Benoliel Carvalho, filha de Simy Benoliel e António Miguel Carvalho. Simy era filha de Abraham e Esther. Ela nasceu em Mindelo em 1929. Está escrito em sua tumba que era uma mulher maravilhosa, “uma extremosa esposa e uma Santa mãe e muito amiga dos pobres”.

7 - Benros

Significa “Filho do Chefe”, também é mencionado na Bíblia em I Crônicas, capítulo 23, versos 16-20. O mais velho membro foi Joseph Benros, comprou propriedades em Saragoça, em Abril de 1217. Enquanto que, a maioria da família vivia em Aragon, mas também se podia encontrar Benros em Valência e Navarro.

- Isaac Benros nasceu em 1838 em Tânger e morreu em 1905 em Penha de França, Santo Antão, casou-se com Gimol Benzimri em Tânger, e tiveram um filho Moisés Benros.

- Moisés Benros nasceu em Tânger em 1816 e morreu em Lisboa em 1886. Casou-se com Mazaltob Cohen, nascida em 1810 e morreu em 1895, eles viveram em Penha de França, Santo Antão. Provavelmente tiveram um filho de nome Abraham Benros, nascido em 1868 na cidade da Praia.

8 - Bentubo

Em hebreu significa “ o filho da sua ingenuidade”. Esta família apareceu em Gibraltar em 1793.

- António Levy Bentubo nasceu em 1863 em Santo Antão e morreu em 1934 em Lisboa. Ele deixou sua mulher viúva. Ele serviu como Polícia de Alfândega. Os seus parentes foram Jayme Levy Bentubo e Camila Delmar, ambos de Gibraltar.

9 - Brigham

Família originária dos Ohayon. Este nome reflecte a água mineral “Brigham” do Paul, Santo Antão. Esta família também tem raízes em Mogador, Marrocos.

- Abraham Julião Brigham (também conhecido por Abraham Ohayon Brigham) nasceu em 1864 e morreu em 1941 em Ponta do Sol, Santo Antão.

- Fortunata Julião Brigham nascida em Santo Antão e esteve em Lisboa em 1894, e em 1895 casou-se com Isaac Pinto filho de Jacob e Mena Pinto.

10 - Cohen

Refere-se directamente à descendência dos Aaron, Moisés, irmãos do tempo bíblico. Cohen é por conseguinte, provavelmente o nome familiar mais antigo do mundo quer seja Cohen ou Hacoheh.

- Jacob Cohen casou se com Donna. O filho Moisés Cohen⁴⁹ nasceu em 1865 e morreu em 1929 em Ponta do Sol, Santo Antão.

- David Graciano Cohen casou-se com Raquel Alice Benoliel de Carvalho Wahnnon de Mindelo, São Vicente, filha de Carlos Pinto Wahnnon e Alexandria Benoliel de Carvalho. Foram embora para Lisboa em 1971.

11 - Ezaguy

Significa alguém da cidade de Azouia, perto de Fez. A maioria desta família era de Sale.

- Augusto (Ayush) Ezaguy nasceu em Tânger e casou-se com Fortunata (Messoda) Ruah. Viveram algum tempo no Amazona. Seus filhos foram:

- Marcos Augusto Esaguy, 1866, Isaac Augusto Esaguy, 1869, Samuel Augusto Esaguy, 1882, todos nascidos em Santo Antão.

- Raquel Esaguy nasceu em 1872, e morreu em Lisboa aos 23 anos de idade, 1895, Pacifico Augusto Esaguy, 1883, Miquelina Esaguy, 1885, todos nascidos em São Nicolau.

- Joseph Augusto Esaguy, nascido em São Vicente.

12 - Levy

Nome tribal de um dos doze filhos de Jacob na Bíblia. Este nome indica os que eram da tribo e foram solicitados para trabalhar no Templo de Jerusalém. Eles

⁴⁹ Ver cópia do Registo de Óbito em Anexo, pp.100.

eram da mesma tribo que Moisés. Este é provavelmente o segundo mais antigo sobrenome, quer seja Levi ou Halevi.

Este sobrenome é também mais sonante na cidade da Praia com nomes como:

- Felipe António Levy Varela, 1939, Judith Levy Varela Benros, 1933, Mery B. Levy, 1882.

- Bento Benoliel Levy nasceu em 1911 na cidade da Praia e foi um advogado. Fundador da Rádio Club de Cabo Verde em 1944, impulsor do Boletim Cabo Verde, entre 1949-62. Em 1971, fundou O Arquipélago assim como a Imprensa Nacional de Cabo Verde. Foi membro da Assembleia Nacional entre 1961-65 e também entre 1969-73.

13 - Pinto

Referente a dois locais, um em Espanha perto de Madrid e o outro em Portugal. Yucaf Pinto foi falado em Sevilha em 1380. José Pinto de Tânger foi um agente do Governo Britânico em Tânger, que comprava pedras preciosas. Vários são os Pintos que se fixaram em Mogador, Amesterdão, Damascos, Tânger e mais tarde em Nova York.

- Jacob Pinto nasceu em Tânger em 1830, casou-se com Mena antes de se mudar para Cabo Verde. Morreu em 1894 em Santo Antão, seus filhos foram:

- Isaac Pinto morreu em Santo Antão em 1921, foi um comerciante que vivia na vila Dona Maria Pia. Casou-se no civil com Fortunata Brigham, nascida em Santo Antão. Ela era filha de Ayres Julião Brigham e Ester Cohen. Tinham um outro filho de nome Jacob Brigham, nascido em 1894.

14 - Wahnnon

Do nome Bíblico Hanun encontrado no II Samuel, Capítulo 10, versos 1, assim como em I Crónicas, capítulo 19, versos 2 e Neemias, capítulo 3, versos 3. Este

nome significa “filho do todo misericordioso”, esta família também existiu em Maiorca nos meados do séc. XIV.

Este sobrenome é mais sonante na ilha de São Vicente, e no concelho do Paul em Santo Antão.

- Lea Wahnou nasceu em 1893 no Mindelo e morreu solteira, em 1966 em Lisboa.

- Jacob Wahnou nasceu em 1884 em São Vicente e morreu em Lisboa em 1968, ambos filhos de Isaac Wahnou, filho de Jonas Wahnou nascido em Gibraltar em 1843 e que mudou para Cabo Verde em 1891 e Rachel Levy Bentubo, nascida em Gibraltar em 1847, filha de Jayme Levy Bentubo e Jamila Delmar.

Jacob Wahnou casou duas vezes, o filho da primeira mulher foi Elgar Wahnou, 1917, que por sua vez casou-se com Vera de Almeida Vasconcelos, filha de Carmelinda Alice Pombeiro de Almeida e Vasconcelos e tiveram 4 filhos. Todos nascidos em Mindelo, São Vicente.

- Raquel Alice Benoliel de Carvalho Wahnou de Mindelo casou-se com David Graciano Cohen em 1959 e mudaram para Lisboa em 1977;

- Enrico da Silva Wahnou nasceu em 1895 e morreu em 1966 em Paul, deixou a sua mulher viúva e uma filha;

- Fernando Wahnou (1868 – 1947) foi um grande advogado em Santo Antão;

- Jonas Silva Wahnou viveu em Santo Antão, participou na Mesa redonda sobre o homem Cabo-verdiano;

- Veríssimo Wahnou nasceu em 1875 e morreu em 1944 na Ribeira Grande de Santo Antão;

- Wittelinda da Silva Wahnou Ferreira nasceu em 1893 e morreu em 1942 em Paul. O seu marido foi Lino Vitória Ferreira (1887 – 1935), foram sepultados juntos;

- John C. Wahnou foi um líder do partido político, a UCID, Wahnou escreveu artigos em objecção à reforma agrária de 1983. Foi o primeiro secretário do partido da UCID⁵⁰.

15 - Zaffrany

Isaac Zaffrany (1809 – 1901) foi o filho de Abraham Zaffrany de Mogador, Marrocos. Em 1891, ele foi responsável das alfândegas de São Vicente. Foi para Santo Antão em 1892, casou-se duas vezes, a sua primeira mulher foi Rachel Bensusande antes de 1837, depois mudou de Cabo Verde para Moçambique (Lobban, 1995, pp. 112-117 in Serels, 1997, pp. 113-114).

Estes são os mais sonantes em Cabo Verde, mas muitos foram os que estiveram só de passagem por Cabo Verde. Outros sobrenomes como por exemplo: Azulay, Elbaz, Maman, Moryusef, Ohayon, Seruya, Tarregano e muitos outros.

Assim, de entre os nomes sonantes judeus ou de descendência judaica podemos dizer que um dos nomes mais salientes da época foi Ferdinand Wahnou que se tornou num grande advogado na ilha de Santo Antão. Foi um dos 8 delegados da ilha, chegou a ser Chefe Administrador do Direito. Dirigiu o concelho administrativo de Porto Novo, emigrou para os Estados Unidos (1889 – 1910) regressando novamente às ilhas. Os seus descendentes incluem o Ex-Primeiro Ministro Dr. Carlos Wahnou de Carvalho Veiga, e o Ex-Ministro dos Negócios Estrangeiros, José Tomás Wahnou Veiga.

Em Santo Antão, a família Benros continua levando a cabo as suas produções agrícolas, em Paúl. A família sob a direcção do Sr. Ildo Benros, produzem o Grogue de alta qualidade, fermentado a partir da calda da Cana-de-açúcar, triturado a partir do mais antigo trapiche em uso.

Um outro descendente de judeus e neste caso da família Auday é o Dr. Januário Nascimento. Ele é o presidente da Sociedade Amiga de Cabo Verde – Israel,

⁵⁰ Lobban, Richard. Cape Verde. Boulder: Westview Press, (1995. pp.112, 117) in Serels, M. Michell, (1997, pp.144).

também presidente do Comité Olímpico de Cabo Verde. Já foi chamado em representação de Cabo Verde em encontros internacionais e funções diplomáticas.

A família de Abrão Levy foi verdadeiramente distinguida em *standards* profissionais muito elevados. Dr. José Levy é um Professor Agrónomo na América, sua irmã Sílvia uma Técnica-Especialista na Bulgária.

Também Poetas conceituados do país neste caso, descendestes dos Anahory, Terêncio Anahory que foi reconhecido pelo seu talento na literatura. Teve 3 poemas publicados na Claridade. Foi considerado, na altura, um dos melhores da nova geração de poetas Cabo-verdianos, tendo essa distinção nos anos 50.

Apêndice

1 – Guião da Entrevista em português.

- Quem foram os primeiros familiares judaicos a chegar na cidade?
- Qual foi o primeiro empreendimento judaico feito na cidade?
- O porquê do nome Sinagoga será alguma ligação com os judeus ou mero nome atribuído à localidade?
- Teriam os judeus, algum poder na sociedade?
- Pensa ser de alguma ou de boa contribuição a passagem dos judeus pela nossa cidade/ilha?
- O que significa para você, todo o legado deixado pelos judeus a nível turístico e não só?
- Em que época deixaram a cidade ou se pode dizer que houve o desaparecimento dos judeus?
- Qual a relação se é que existe entre a criação da fortaleza da cidade (hoje cadeia civil) com os judeus?
- Sabe falar em linhas gerais sobre os rituais judaicos, assim como também os rituais do cortejo fúnebre?

2 – Biografia.

António Vicente Lisboa Leite.

- Naturalidade: cidade de Ponta do Sol, Santo Antão, Cabo Verde.
- Nascimento: 11 de Fevereiro de 1952.

Cargos Exercidos:

- Professor -Na transição para a independência de Cabo Verde;
- 1980 a 2003-Delegado da Empresa EMPA;
- Década de 90-Vareador da Ribeira Grande;
- 1990 a 2000-Deputado da Nação;
- 2001 a 2011 Procurador da República na Comarca da Ribeira Grande;

Estudou em Portugal e no Brasil;

Actualmente no voluntariado dando o seu contributo para o desenvolvimento da sua ilha.

3 – Edifícios Remodelados.



Antiga Residência pertencente ao Sr. Abrão Brigham



Antiga Residência da Dona Constância Salgado, casa pertencente ao Sr. Abrão Brigham



Antigo Bairro de Pescadores "Casinhas".



Antiga casa do Sr. Isaac Pinto

Fonte: Própria (2013).

Figura 10: Alguns Edifícios onde antes foram Construções pertencentes aos Judeus

Anexos

Figura 11: Famílias judaicas de Ponta do Sol /Pessoas da Elite Ponta-solense, 1927.



Fonte: Revista de Informação Regional – Montanha. Edição nº 1 – Julho de 1991

Figura 12: Ruínas do Forno de Cal – Banco de Areia - Ponta do Sol - Santo Antão.



Fonte: Lopes, António C. O. (2012)

Figura 13: Alguns Utensílios utilizados na Religião Judaica –

Crenças e Rituais.



Pedras no Sepulcro – Homenagem ao Falecido - Símbolo da memória.



Haniká - Candelabro



Tallit – Xaile de Oração



Pano Litúrgico Utilizado para os Alimentos



Oração de Shabat



Almofada de Circunsão



Ketubá – Contrato de Casamento



Copo de Pedra Conheddo por Copo de Elias



Castilgal com vela. A vela entrelaçada simboliza a união com Deus



Prato de Seder decorado com estrela de David

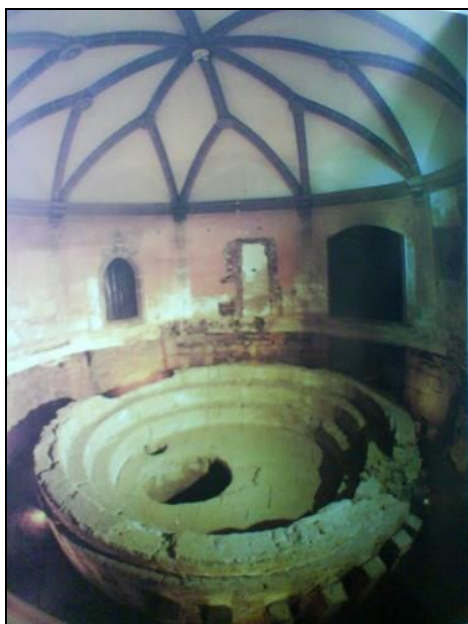
Fonte: In <http://judiariadaguarda.web.simplesnet.pt> e <http://mundoestranho.abril.com.br>

Figura 14: Uma Proposta para o estilo de Construção – Hotel Cohen.



Fonte: Finlander, Djeison. (2014)

Figura 15: Ruínas Romanas Dentro da CM de Évora em Portugal/Preservação das Ruínas.



Fonte: In www.google.cvsearchsource acedido a 5 de Marco de 2014

Figura 16: Uma Proposta para estátuas em tamanho Real no Pedonal.



Fonte: In www.google.cvsearchsource acedido a 5 de Marco de 2014. Lisboa a bordo do Café Eléctrico.

Figura 19: Ilustração do Caminho Vicinal para o Cemitério

Judaico em Ponta do Sol.



Fonte: Leite, Nivaldo, (2013). CMRG.

Figura 18: Ilustração do Caminho Vicinal para o Cemitério

Judaico em Penha de França.



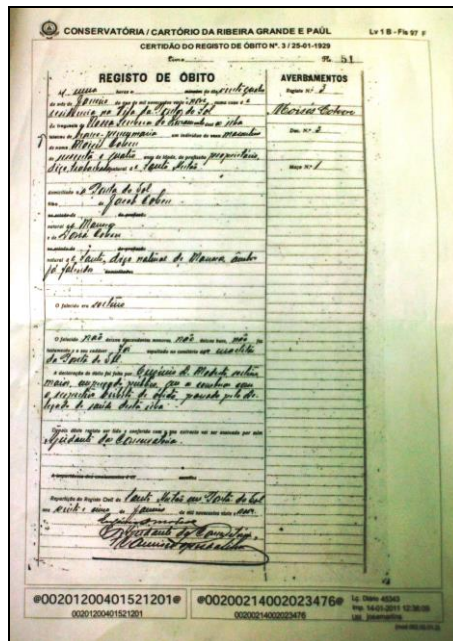
Fonte: Leite, Nivaldo, (2013). CMRG.

Figura 17: Projecto Sinagoga Resort/Proposta para as Ruínas do grupo Spencer Construções.



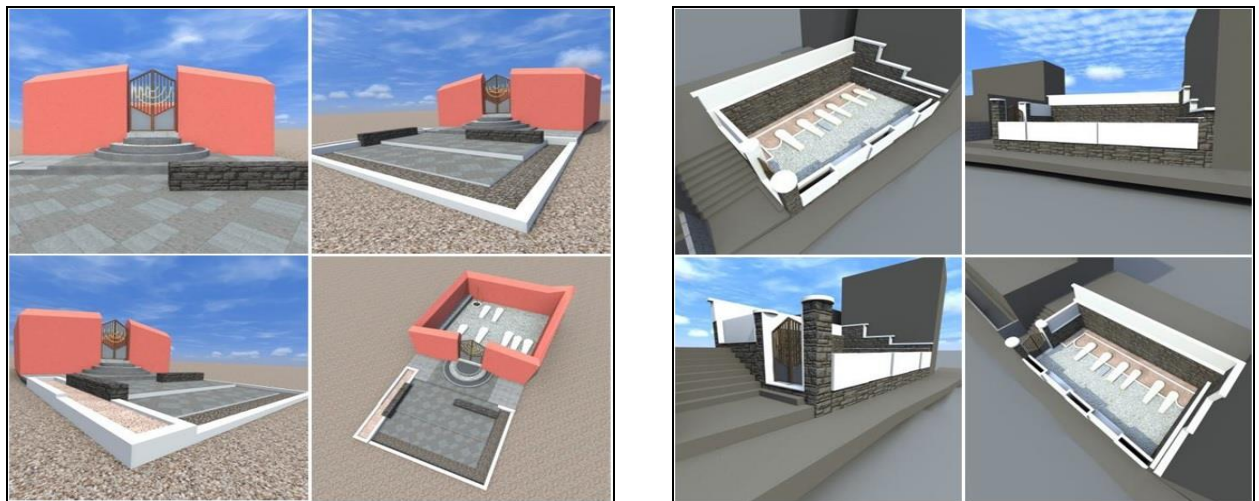
Fonte: Finlander, Djeison (2013)

Figura 20: Cópia do Registo de Óbito de Moisés Cohen.



Fonte: Cedido por Vitória, Eva (2013).

Figura 21: Proposta de Revitalização dos Cemitérios



Fonte: Leite, Nivaldo, (2013). CMRG.

Figura 22: Algumas Fotos Antigas da Cidade de Ponta do Sol



1ª Remodelação do Registo Civil, 1991



Remodelação da CMRG, 1991



Estatua Em Frente a CMRG destruída na época da independência. De Cabo Verde



Boca de Pistola antes de ser derrubada pela Maré, 1991



Foto Antiga das ondas cobrindo o Cais da Boca de Pistola



Foto Antigo do largo da Câmara.



Movimentação na Boca de Pistola no tempo da EMPA



Avião Aterrando no Aeródromo Agostinho Neto – Ponta do Sol



Navio ancorado na Baía de Ponta do Sol



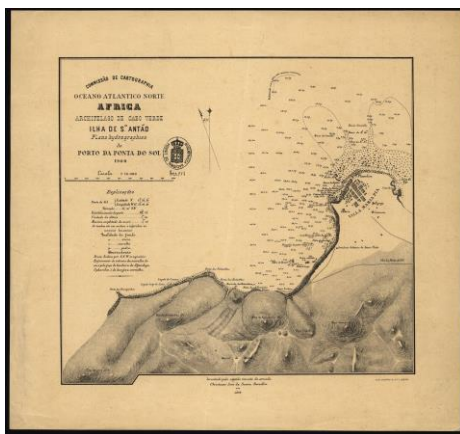
Meia Laranja/ Zona de Lajedos - Ponta do Sol



Ponta do Sol em 1974



Chã de Ponta do Sol



Mapa da antiga Vila Maria Pia



Vista Panorâmica da Rua Direita